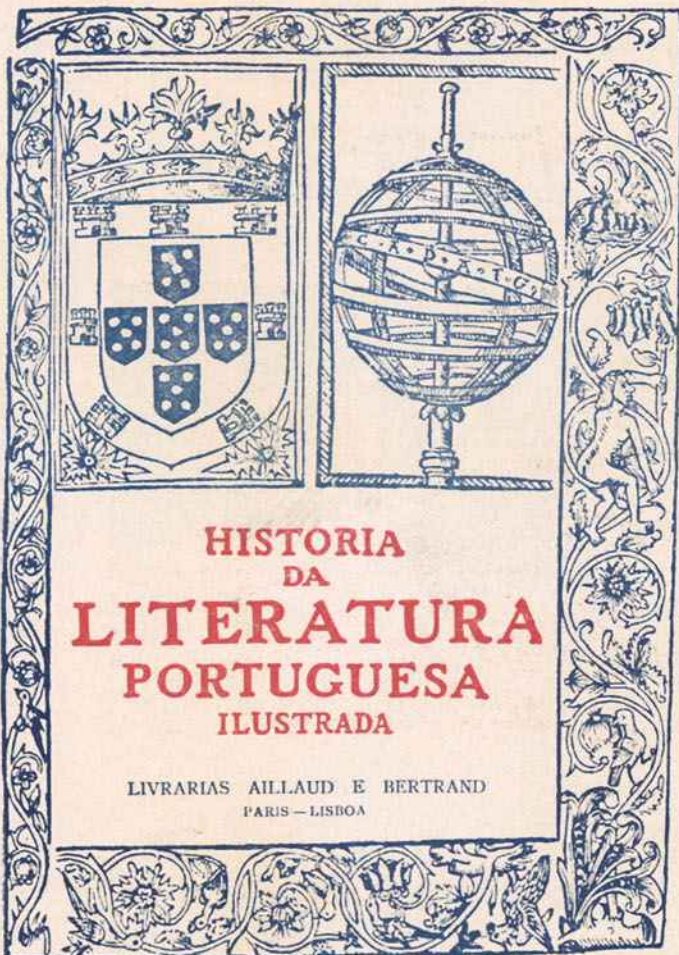


ILUSTRAÇÃO





**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

**HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA
PORTUGUESA**

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE BORBOMAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORJAZ, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAYRE, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BENTO CAMALHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO LOPES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORREIO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUADALUPE GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LUCIO DE ALEXANDRE, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSE DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSE JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSE LEITE DE VASCONCELOS, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSE MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSE MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos crimonceanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUIS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES HENSBART ARZBLACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

BOLETIM DE ASSINATURA

Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA por..... (3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber pelo correio contra reembolso, conforme assinatura especial abaixo indicada).

NOME

MORADA

Lisboa, de de 192...

ASSINATURA

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS :

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

Assinatura (pagamento adiantado) 3 meses 6 meses 1 ano
33\$00 65\$00 128\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR.....	36\$00	70\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32x25)

EM TOMOS MENSIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

SAIRÁ EM JUNHO

E CONTRA

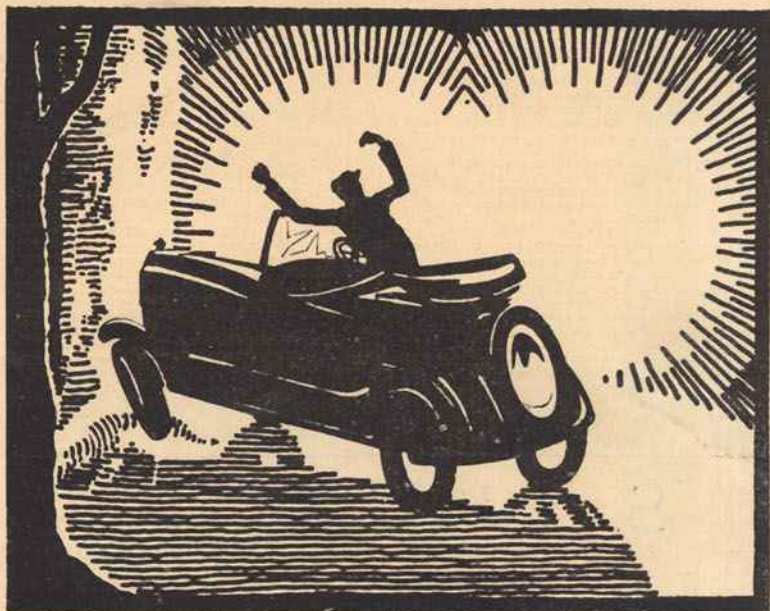
biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00



AS CAUSAS DOS
DESASTRES
 AUTOMOBILISTAS SÃO:

- 1.^o — No cruzamento de dois automóveis um deles não apagar a luz dos faróis **CEGANDO O CHAUFEUR** do outro carro (*veja clichê*).
- 2.^o — Quando apagados os faróis e acêsos apenas os farolins, em virtude da luz fraca destes ultimos (apenas 4 velas) equivale a **ANDAR ÀS ESCURAS**.

A UNICA SOLUÇÃO DESTE PROBLEMA SÃO AS LAMPADAS

PHILIPS DUPLO
(TRIPLO SÓ PARA CARROS FORD)

PEÇAM MAIS INDICAÇÕES E DETALHES AS CASAS DA ESPECIALIDADE ÀS GARAGES DE TODO O PAIS, OU À

SOCIEDADE COMERCIAL PHILIPS PORTUGUEZA

LISBOA — Rua da Betesga, 57

VISITEM O NOSSO STAND NA EXPOSIÇÃO DE AUTOMOVEIS NO PORTO

PROPRIEDADES DE RENDIMENTO E RECREIO
EM TODAS AS REGIÕES E PARA
TODOS OS PREÇOS

R. GIRARD

58, RUE DE CLICHY-PARIS (9°)
Telephone: Central 10-45
Lista gratuita a quem a pedir

V. 685—ISÈRE—Junto à estação, *Castelo* feudal do século XIII, mobiliado, perfeito estado, 12 compartimentos sala de bilhar 100 m²; água, electricidade, appentos, porteiro, garage, cavalariça, parque *Cinco hectares*, preço 1.250.000 frs.

1985—HAUTE GARONNE—9 quilómetros de Toulouse, 3 quilómetros estação, *Castelo* mobiliado 11 divisões, 4 quartos criados, numerosas dependências, parque, 60 hectares seguidos, alfaias, etc. Preço 7.000.000 frs.

1991—BAIXOS PIRINEUS—Região Pau, *Castelo* moderno, 4 salões, 8 quartos etc., água, electricidade, telefone, dependências, estufas, bosque, pastos, lavoura, etc. 45 hectares. Preço 750.000 francos.

2019—SOMME—Junto gare linha Treport, *Castelo* com todo o conforto, construção recente, vista esplêndida, 14 divisões, quartos criadagem, garagens, casa porteiro, dependências, lago, parque, mobiliário, preço 850.000 frs.

2030—SABOIA—20 quilómetros Aix-la-vaie, 300 metros altitude, *Castelo* com importantes dependências, água, electricidade, nascentes, parque fechado, 5 hectares, preço 275.000 francos.

2222—PURE—110 quilómetros de Paris, vista magnífica, pesca e caça, *Propriedade* 10 divisões, casa de banho, grandes dependências, casa jardineiro quatro divisões, água, electricidade próxima, telefone, 9 hectares sendo 3 em herba e horta, árvores de fruta, preço mobiliado 350.000 francos.

2361—GARD—Junto a Tarascon, *Propriedade*, linda casa senhorial mobiliada (móveis antigos) grãfia, 60 hectares sendo 20 hectares cerejeiras, 45 hectares cereais—material, gado doméstico—situação bastante rara—linda vista—pesca no Vólano: preço 1.200.000 francos.

2364—DORDOGNE—Distrito de Bergerac, *Domínios* com *Castelo* do século XVI, 8 casas criados, numerosas dependências, água de nascente, *Grande*

P
A
R
A
V
E
N
D
E
R

criação agrícola com todo o material, todos instrumentos modernos entre os quais 2 tractores, quatro ólãgas, animais domésticos, 198 hectares sendo 100 hectares de bosque—bela casa—preço 1.250.000 francos.

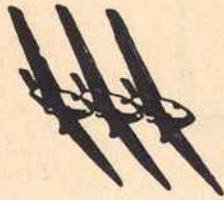
2375—EURE ET LOIR—A 700 quilómetros de Paris—*Soberba propriedade* *Castelo* 12 divisões conforto moderno—Grãfia modelo—*Criação* agrícola moderna—grande rendimento—água e electricidade por toda a parte—lago parque e bosque área total 35 hectares—preço 650.000 francos.—Alfaias à parte.

2388—DORDOGNE—Distrito de Bergerac, *Domínio* casa senhorial de 5 divisões, vastas dependências, alfaias e animais de trabalho, água, lavoura, bosque, vinhas (de encosta) 27 hectares—preço 200.000 francos.

2413—ALPES MARÍTIMOS—A 7 quilómetros de Cannes, vista de mar, *Pequena propriedade* rendimento e gozo, velha casa restaurada 3 divisões, etc.—Jardim de recreio, horta, terraços plantados de cãga, árvores de fruto, preço 1300.000 francos.

2427—LOT—A 10 quilómetros de Cahors—*Domínio* com pequeno *Castelo* Luís XIII numerosos edifícios de exploração—casa de colono—terraço—lago—Capela Luís XIII—abrangendo 60 hectares, bosque, terras de lava, prados, jardins, um hectar de vinha—Preço 530.000 frs., com gados e alfaias.

2434—SENA E OISE—A 18 quilómetros de Paris, junto de estação e tramway—*Bela residência*, aspecto elegante de estilo italiano, em perfeito estado—12 divisões, quartos de toilette, casas de banho, quartos de criadagem—uma outra residência—pavilhão com 2 divisões e casa de banho—água, gás, electricidade, telefone.—Numerosas dependências.—*Vasto parque*, árvores seculares—grande horta—estufas—tennis—no todo 2 hectares e meio—preço 700.000 francos.



S. A. P.

Serviços Aéreos Portuguezes, Ltd.

AVENIDA DA LIBERDADE, 3

Serviço aéreo entre LISBOA-MADRID
com aviões JUNKER'S completamente metálicos

Para Madrid: $\left\{ \begin{array}{l} 3.ª \text{ feira} \\ 4.ª \text{ feira} \\ \text{Sábado} \end{array} \right\}$ 10,30 horas

Avião: 4 horas

Combóio: 17 horas

Para informações dirigir-se a todas as agencias de vapores e de turismo bem como à sede da Companhia

Dôres do Estomago

alliviadas

com o

REGYL



DIGESTÕES PENOSAS
GASTRALGIAS, DYSPESIAS

Um comprimido depois de cada refeição.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS

Laboratoires MILLET & GUILLAUMIN, 8, Rue Richer, PARIS

CE QUE FEMME VEUT
PERFUME DE
GELLÉ FRÈRES
PARIS



essencia
pó de arroz
loção
sabonete

CE Perfumes were founded in Paris in 1860. 22 Avenue de la République, 75, PARIS, FRANCE.

ALEXANDRE HERCULANO

Acaba de aparecer a
27.ª edição de

EURICO O PRESBYTERO

COM DOIS APENDICES

Edição das
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

AUTOMOVEIS

**O CARRO IDEAL POR EXCELENCIA
O MAIS DURADOURO DE TODOS.
-- OS CARROS AMERICANOS --**

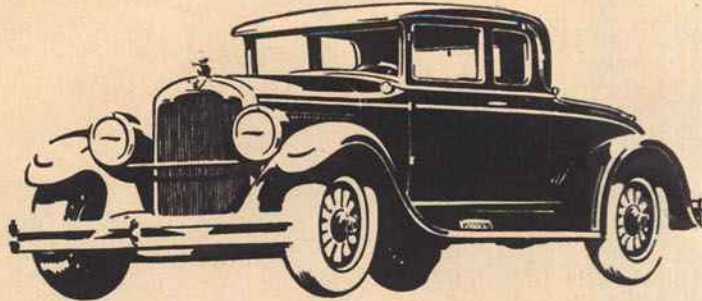
REO



ROBUSTO

VELOZ

SEGURO



ELEGANTE

CONFORTAVEL

MODERNO
EM TUDO

NADA IGUALA A SATISFAÇÃO DE GUIAR UM CARRO **REO**

6 Cilindros, Travões hidraulicos ás quatro rodas. Cambota com 7 pontos de apoio
Motor silencioso sem vibração e de grande elasticidade

AGENTES GERAIS: **A. CONTRERAS L.^{DA}** — 169, *AVENIDA DA LIBERDADE, 171 — LISBOA*

SUB-AGENTES NO PORTO: **EMPRESA INTERNACIONAL DE COMERCIO E INDUSTRIA L.^{DA}**
225 — RUA 31 DE JANEIRO — 229

BOSCH

A vela de qualidade
Um modelo apropriado a cada tipo de motor

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
ESCRITÓRIO TÉCNICO: **ROBERTO CUDELL**
PORTO — Passos Manuel, 41



SAST

AS MELHORES BALANÇAS AUTOMATICAS PARA:

SALCHICHARIAS, MERCEARIAS, CONFEITARIAS E TODOS OS DEMAIS ESTABELECIMENTOS ONDE SE CAREÇA DE PESAGENS RAPIDAS E COM PRECISÃO

Vendas a prompto e a prestações

J. GONÇALVES
Calçada do Carmo, 10
LISBOA



BERTRAND IRMÃOS
FOTOGRAVADORES
LDA CONDESSA DO RIO
LISBOA
TEL. 96

STUTZ

**O CARRO QUE É QUASI TÃO BOM COMO
O MELHOR AUTOMÓVEL DO MUNDO**

A. M. ALMEIDA L.^{DA}

39, RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 39-A — LISBOA



*O mais belo repositório de
conhecimentos científicos, a
mais empolgante série de
aventuras maravilhosas é a
obra do genial romancista*

JULIO VERNE

primorosamente ilustrada em edições populares ao alcance de todos

SÃO LIVROS QUE TODOS DEVEM LÊR

**PEDIDOS AS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, CHIADO, 75 — LISBOA**

LEIAM

O mais discutido dos livros

JESUS CRISTO EM LISBOA

OBRA PRIMA
DE PENSAMENTO MODERNO

POR

RAUL BRANDÃO

E

TEIXEIRA DE PASCOAIS

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS
AILLAUD E BERTRAND
Chiado, 73 e 75 — LISBOA

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS

AOS CONDUTORES DE AUTOMÓVEIS RECOMENDA-SE ESTE MANUAL
COMO IMPRESCINDIVEL PARA A SUA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL,
POIS CONTÉM

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direção, rodas, pneumáticos, câmaras de ar e iluminação. Caixa dos carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitões (chassis), camiões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., por

ANTONIO AUGUSTO MENDONÇA TAVEIRA

Um volume de 664 páginas encadernado em percalina

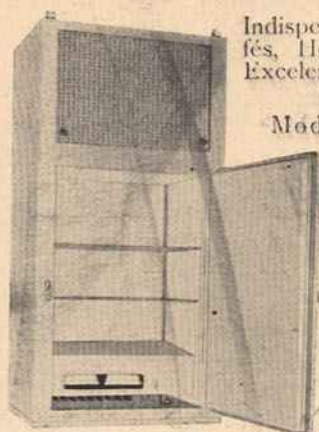
ESCUDOS **24500**

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

GELEIRAS ELECTRICAS AUTOMATICAS **KELVINATOR**



Indispensaveis em Hotéis, Restaurantes, Cafés, Hospitais, Creches e Casas particulares Excelente para conservação de alimentos, etc.

FABRICAÇÃO DE GELO

Modelos especiais para cada casa

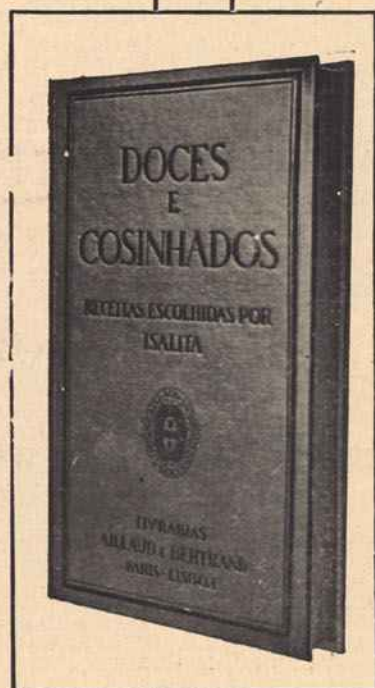
A geleira electrica automática KELVINATOR é de consumo insignificante. Trabalha para atingir a baixa temperatura dentro do móvel e automaticamente desliga a corrente logo que a atinge e só trabalha novamente se a temperatura aumenta dentro do móvel e apenas o tempo indispensavel para recuperar a temperatura baixa própria á conservação dos alimentos, etc.

A geleira electrica automática KELVINATOR é a melhor do mundo. O seu isolamento é perfeito, a sua aparência é luxuosa, conserva-se irrepreensivelmente limpa sem trabalho, é um conforto moderno que dinheiro algum paga. Os seus preços concorrem com quaisquer outros modelos mesmo menos perfectos.



Pedir todos os detalhes e preços a

ANTONIO BURGUETE, ENGENHEIRO — Rua dos Fanqueiros, 102 a 106 - LISBOA — Tel. Central 3238



DOCES E CÔSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas

Esc. 25\$00

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Todos os estudiosos devem adquirir a
HISTÓRIA DE PORTUGAL DE ALEXANDRE HERCULANO
à venda aos volumes e por assinatura nas LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

dois sintomas
que não enganam.

AT. CARLU
Cristoforo

"SAL de
FRUCTA"

ENO

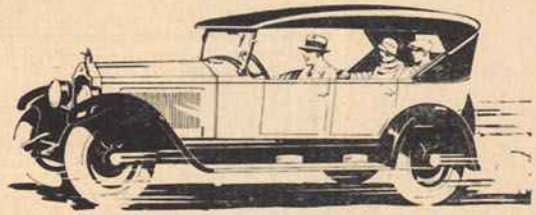
"FRUIT
SALT"

A lingua branca, e mau halito ao acordar, são efeitos duma má digestão. O remedio é simplicissimo: Uma colher das de café de Eno's "Fruit Salt", num copo d'agua, manhã e á noite. Eno actua suavemente, como a fructa, tornando o intestino, e defendendo assim a nossa saude. 60. anos de verdadeiros sucessos garantem a sua eficacia.

Esigi sempre a marca
ENO'S "FRUIT SALT"

As palcoeres "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "Eno" são marcas de fabrica registadas.

Depositaris em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY, & C^a. LTD. 8, Caes do Sodré, LISBOA



WILLYS-KNIGHT

TÃO BOM
COMO OS MELHORES

MELHOR
QUE A MAIORIA

DISTRIBUIDORES GERAIS:

H. QUEIROZ, L.^{DA}
ENGENHEIROS
62, Rua Braamcamp, 70
LISBOA

ACABA DE APARECER

D. SEBASTIÃO

DE ANTERO DE FIGUEIREDO

(DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS)

8.^A

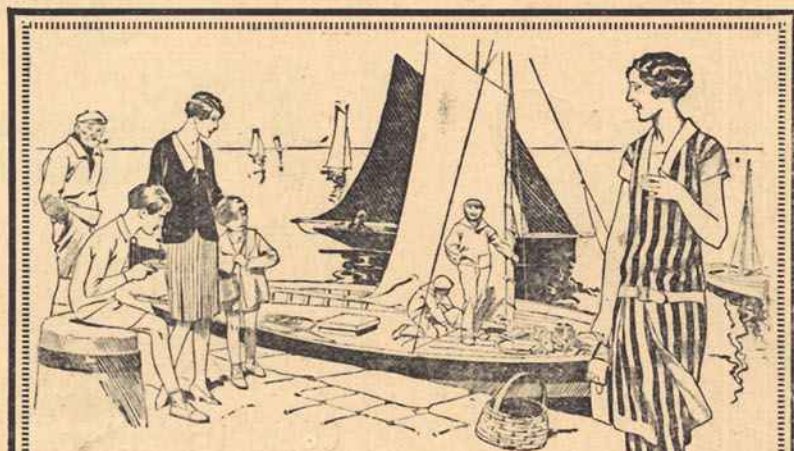
**BROCH. 12\$00
ENCAD. 16\$00**

EDIÇÃO

: PEDIDOS ÀS LIVRARIAS :

AILLAUD E BERTRAND

RUA ANCHIETA, 25 - LISBOA



Não tendes ainda um "Kodak" ?

Muitas vezes os vossos amigos vos terão mostrado os seus albuns de fotografias "Kodak", de férias, de excursões, e em que os retratos dos seus filhos, dos seus entes queridos, nas mais flagrantes atitudes, constituem uma importante parte !

Certamente notasteis com que legitimo orgulho eles vos mostraram essas fotografias, e a alegria com que eles reviam esses belos incidentes do passado !

Disseram-vos tambem, decerto, quanto era fácil, agradável, económico e útil o manejo dum "Kodak" e como o usá-lo tinha sempre um crescente interesse.

Tudo se perde sem fotografias "Kodak"

Deveis portanto fazer como toda a gente ! Adquiri hoje um "Kodak" ! A moda mesmo vo-lo exige !

Perto da vossa localidade ha uma boa casa de artigos fotograficos onde encontrareis todas as facilidades para a escolha d'um "Kodak" e onde vos ensinarão a obter boas fotografias desde o inicio. "Kodaks" Vest Pocket, d. 175 \$ 00 - "Brownies" de Caixa, d. 65 \$ 00

*Alguns minutos bastam para
aprender o manejo d'um "Kodak".*

Para um seguro exito :

Apa e'ho "Kodak".

De fácil manejo e elegante aspecto e para o qual cada um dos orgãos foi scientificamente estudado sob o ponto de vista dos bons resultados e simplicidade.

Película "Kodak".

Para uniformidade e rapidês deveis exigir Película "Kodak" - em embalagem amarela - será essa a melhor garantia de que obtereis resultados perfectos.

Papel "Velox".

O papel "Velox" é especialmente fabricado para os negativos de amator, e assim as vossas provas serão as mais perfectas sempre que exigirdes "V. LON".

Kodak, Ltd., 33, Rua Garrett, Lisboa.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30—Lisboa
REDAÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Prociissão)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Garrett, 73, 75—Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Rua Anchieta, 25

Telef. C. 1084

DIRECTOR-DELEGADO:

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR:

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 3.º — N.º 60

16 DE JUNHO DE 1928



A nossa página regista hoje documentos notáveis da vida nacional. EM CIMA, à esquerda: O momento fútilo em que Roquette, o grande guardião português é batido em Amsterdão pelos avançados egípcios que vão marcar o ponto que nos excluiu das olimpíadas onde podíamos aspirar a jogar as finais. A DIREITA, também em cima: Uma grande defesa de Roquette carregado violentamente pelos egípcios, estando Jorge por terra. NO MEDALHÃO: O momento de histórico júbilo em que Cândido de Oliveira e os jogadores, ao acabar o desfilio Portugal-Yugo-Slavia, abraçam Augusto Silva, o grande jogador que nos deu a vitória. AO CENTRO, à direita: Um aspecto da reunião dos comandos militares com o ministro das Finanças, professor Oliveira Salazar, em que se fizeram afirmações de sacrifício patriótico notabilíssimas. EM BAIXO: Uma foto notável que mostra Vitor Silva rematando o primeiro golgo português sobre a Jugoslávia.

(As fotos de Amsterdão são inéditas e especiais para «Ilustração», a única revista ilustrada que teve um redactor técnico e um fotógrafo correspondente na Hollanda.)

CRÓNICA DA QUINZENA

Um livro recentemente publicado — *La trahison des clercs*, do sr. Julien Benda — suscitou na imprensa francesa animadas discussões, cujos ecos ainda se não amorteceram. O assunto é de verdadeiro interesse.

Eis como o autor põe a questão:

«Conta Tolstói que, sendo oficial, e, vendo, um dia, num exercício de marcha, um dos seus colegas bater num soldado que se afastava da fileira, lhe disse: «V. não se envergonha de tratar dessa maneira um seu semelhante? Não leu, então, os Evangelhos?» Ao que o outro lhe respondeu: «É V. não leu os regulamentos militares?» É esta a resposta que receberá sempre o espiritual que pretende reger o temporal. Afigura-se-me muito sensata. Os que conduzem os homens à conquista das coisas não têm que se preocupar com a justiça e a caridade. Todavia, parece-me importante que haja homens que, mesmo escarnecidos, convidem os seus semelhantes a comungar em religiões diferentes da do temporal. Ora, aqueles que tinham o encargo dessa missão, e que eu chamo — os *clercs* — não só deixaram de a desempenhar, mas desempenham a missão contrária. A maior parte dos moralistas esentados na Europa nos últimos cinquenta anos, em especial os literatos em França, convidam os homens a zombar do Evangelho e a ler os regulamentos militares.»

«Este novo ensino parece-me tanto mais grave quanto se dirige a uma humanidade que, pelo seu próprio impulso, se instala hoje no temporal com uma decisão até aqui desconhecida.»

Na demonstração da sua tese, o autor começa por considerar o que elle chama o *aperfeiçoamento moderno das paixões políticas*, entendendo por «paixões políticas» as paixões de raça, de classe, de nação. Elas atingem hoje uma *universalidade*, uma *coerência* (formando os seus adeptos massas compactas), uma *homogeneidade* (em que se apagam as maneiras de sentir individuais), uma *precisão* (pela limitação do seu objecto), uma *continuidade* (em contraste com as explosões intermitentes de outros tempos), e uma *preponderância sobre as outras paixões (políticas d'abordá)* até agora desconhecidas.

Tudo o que o sr. Benda escreve a este respeito é, em geral, exacto e bem observado. O que é superficial é atribuir todo este «aperfeiçoamento das paixões políticas» (é

certo que o autor diz «em grande parte») ao jornal político quotidiano e barato. A verdade é que por baixo de todo este movimento há uma coisa mais profunda, mais dominante — a democratização das sociedades modernas, mesmo daquelas em que a democracia se não traduziu numa mudança do regime político.

Ao «aperfeiçoamento das paixões políticas» em *superfície*, juntou-se o aperfeiçoamento em *profundidade*, em força interna. Elas adquiriram uma consciência de si mais viva e mais susceptível, um sentimento mais nítido do seu particularismo. Isto nota-se, sobretudo, nas paixões nacionais, em que o orgulho, hoje, prepondera sobre o interesse, em que o patriotismo se veste de misticismo, tomando aspectos de religião.

Finalmente, um último aperfeiçoamento, próprio do nosso século, é o que o sr. Benda classifica de *organização intelectual dos odios políticos*, — o aparato ideológico de que se armam, a pretensão de se bascarem na «estrita observação dos factos» de serem conformes ao «sentido da evolução».

Procurando, depois, a *significação deste movimento*, o sr. Benda reduz as paixões políticas a duas vontades fundamentais: 1.ª — a vontade, para um grupo de homens, de se apoderar ou de conservar um *bem temporal* (território, bem-estar material, poder político); 2.ª — a vontade de se sentir *distinto* em relação a outros homens: por outras palavras, duas vontades, das quais uma procura a satisfação de um *interesse*, e a outra, a de um *orgulho*.

Em última análise, «os homens manifestam hoje, com uma sciência e uma consciência até então desconhecidas, a vontade de se instalarem no modo *real* ou *prático* da existência, por opposição ao modo *desinteressado* ou *metafísico*.»

Em face disto, que fazem os «intelectuais» (tomando a palavra no sentido de um tipo social, não de um tipo psicológico)? Os *clercs* do sr. Benda: 1.ª — adoptam as paixões políticas; 2.ª — fazem entrar as suas paixões políticas na sua actividade de «intelectuais»; 3.ª — fazem o jôgo das paixões políticas pelas

suas doutrinas, e isto por duas maneiras — exaltando o apêgo ao *particular* e aviltando o sentimento do *universal*; exaltando o apêgo ao *prático* e aviltando o amor ao *espiritual*.

O sr. Benda conclui pelo «triumfo total do realismo», e pergunta se este triumpho é passageiro ou definitivo. A sua resposta é bastante vaga; o autor teve mais habilidade para pôr a questão do que para a resolver. Estorvou-o, neste ponto, a falta de espírito de síntese, a não utilização das leis de imitação, opposição e adaptação, que tanta luz projectam sobre os fenómenos sociais, e a imprecisão dos termos «real», «prático», «ideal», «espiritual», «particular», «universal», que nem sempre toma no mesmo sentido. Demais, o sr. Benda pertence a esta categoria de espíritos para quem as antinomias da lógica abstracta existem na realidade, que é, sempre, pelo contrário, uma composição, um compromisso, para empregar a linguagem jurídica. A luz mais esplendente não é isenta de sombra, e o negrume mais cerrado comporta sempre um vislumbre de claridade.

A irreductibilidade que o autor estabelece entre o «ideal» e «o real», collocando aquele no mundo irreal; entre a «actividade desinteressada» e a «prática», rejeitando a primeira para o campo das coisas inúteis, quando conviria mostrar a sua utilidade superior, põe embargo a toda a espécie de solução.

A tese, mesmo, do sr. Benda, não é senão parcialmente verdadeira. Os *clercs* que elle acusa de traição reduzem-se, a final, aos homens de letras. Dos sábios e dos filósofos, raríssimos são os nomes citados — Ostwald, um alemão, e Boutroux, cuja attitude teve a reprovação quasi unânime dos filósofos franceses.

Sem embargo destas, e outras reservas que ainda teria a fazer, o livro do sr. Benda versa um assunto da maior importância, e merece ser lido com attenção. Encontramo-nos numa volta de caminho em que os valores espirituais são desprezados, em que o materialismo moral, o realismo das multidões, a apologia do successo e da força bruta embriagam as novas gerações. É muito embora este estado de coisas não seja susceptível de duração, bem-vinda é toda a obra que concorra para despertar as multidões hipnotizadas. Está neste caso o livro do sr. Benda.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

JOSÉ DE MAGALHÃES.

ACTUALI- DA- DES



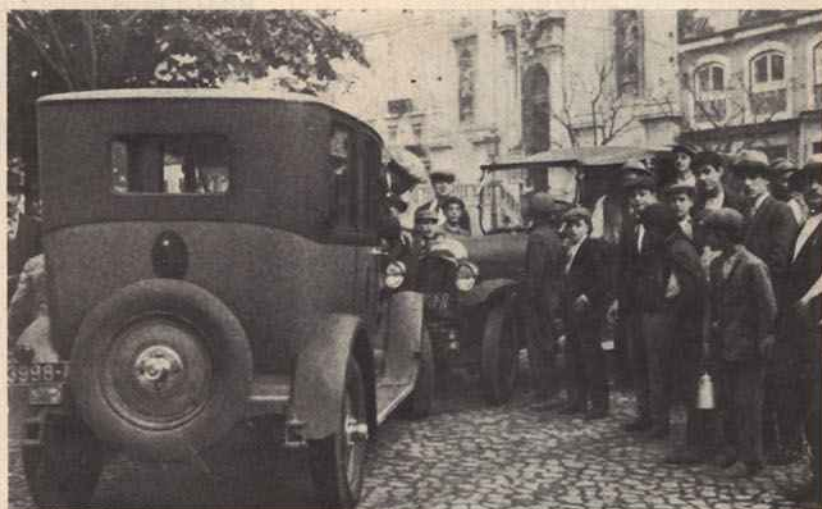
Projecto do magestoso monumento que na Régua se vai criar em homenagem aos Mortos da Grande Guerra. O projecto é do ilustre escultor português sr. Henrique Moreira, e os trabalhos de esculptura vão ser iniciados em breve

(Foto Teixeira - Régua)



Jaime Peres de Unzueta e Juan Pons Dòmenech, delegados espanhóis da Câmara Nacional das Indústrias Químicas que passaram vários dias em Portugal, que os deixou maravilhados, a fim de estudarem o mercado, com vista ao inter-câmbio comercial entre os dois países

AO LADO: — O trânsito em Lisboa passou a ser feito ao contrário do que era costume, costume que, por sua vez, era contrário ao estabelecido em todo o mundo. A mudança do «seguir pela esquerda para o «siga pela direita» deu azo apenas a simples precalços como o que a nossa fotografia surpreendeu



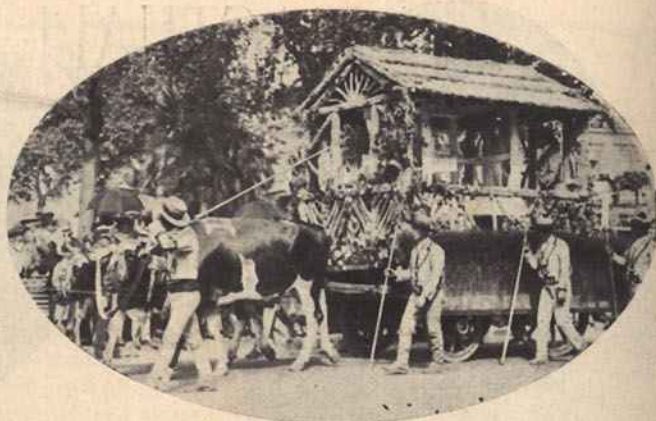
Proseguindo na sua obra de aforoscamento da cidade, a actual Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa empreendem a definitiva realização do Parque Eduardo VII. Para isso encomendam ao ilustre architecto Luis Cristiano um projecto de entrada monumental que tem merecido a admiração de todos, e vai ser construído imediatamente de forma a, com as suas linhas aereas e nobres, dar ao criticado Monumento ao Marquês de Pombal o equilibrio que porventura tal estalio não tenha inteiramente. A nossa gravura mostra o aspecto geral da gradaria e o detalhe da porta principal enquadrada em pilões de elegantissimas linhas

(Fotos «Ilustrações»)

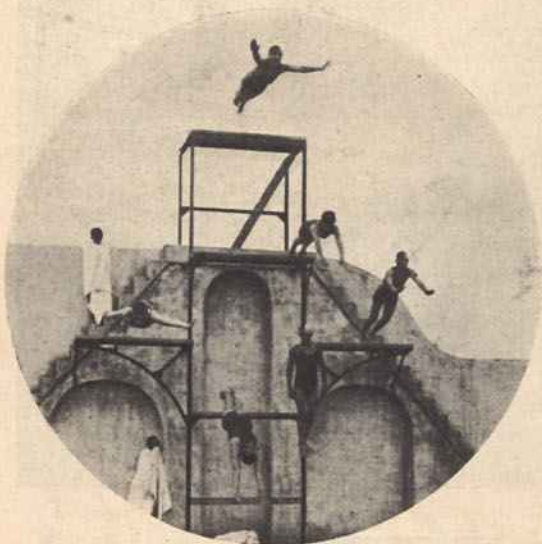
ACTUALIDADES



Festa escolar no Colégio de Portugal. — Uma prova desportiva. No medallão o júri das provas



Um aspecto da batalha de flores realizada na Avenida da Liberdade



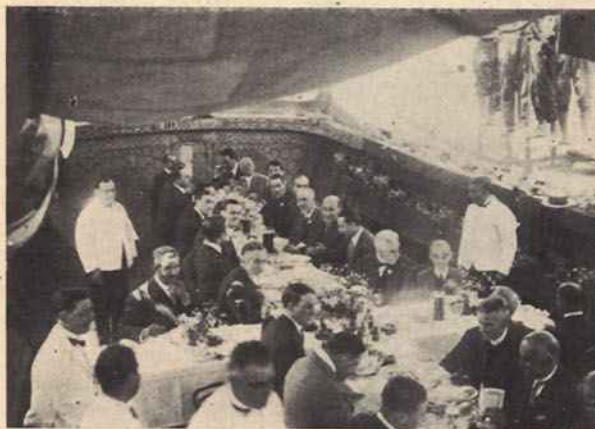
Um aspecto da festa de natação dos alunos do Colégio Vasco da Gama



Os estudantes de Coimbra no Funchal com a madrinha D. Maria Manuela de Freitas (x), a nossa camarada Faria de Castro (xx) e o antigo deputado Ribeiro de Carvalho (xxx)



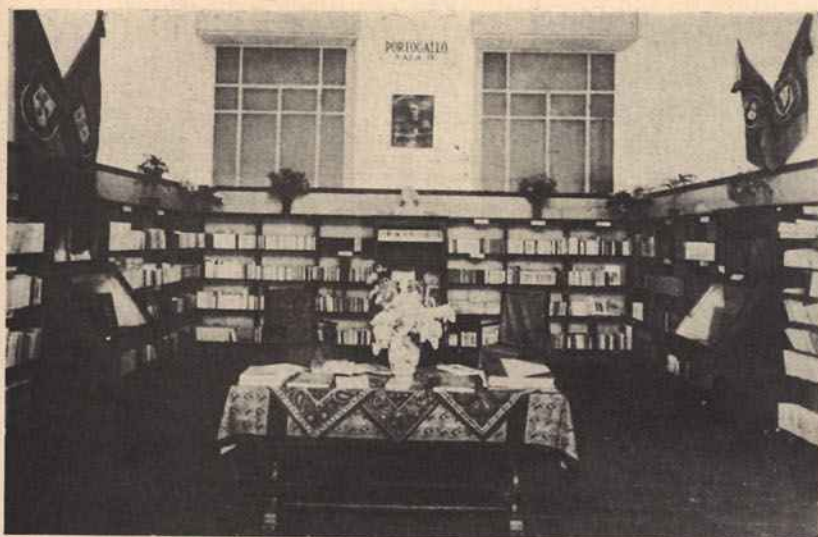
Assistência às provas desportivas no Colégio Vasco da Gama



O eminente poeta Afonso Lopes Vieira partiu para o Brasil a levar o exemplar da edição nacional dos *Luíadas*, por ele dirigida, que o Presidente da República oferece ao país irmão. Os intelectuais portugueses ofereceram-lhe como despedida um típico almoço a bordo duma fragata surta no Tejo



ACTUALIDADES



Um aspecto da Sala de Portugal na Feira Internacional do Livro, em Florença, onde as edições portuguesas obtiveram um triunfo



Outro aspecto da exposição de livros e edições portuguesas na Feira Internacional do Livro em Florença que constituiu um formidável triunfo da cultura lusitana e um êxito pessoal do ilustre delegado português, o acadêmico Joaquim Leitão



Os novos doutores em medicina pela Universidade de Pétra, com os seus leites das últimas cadeiras do curso

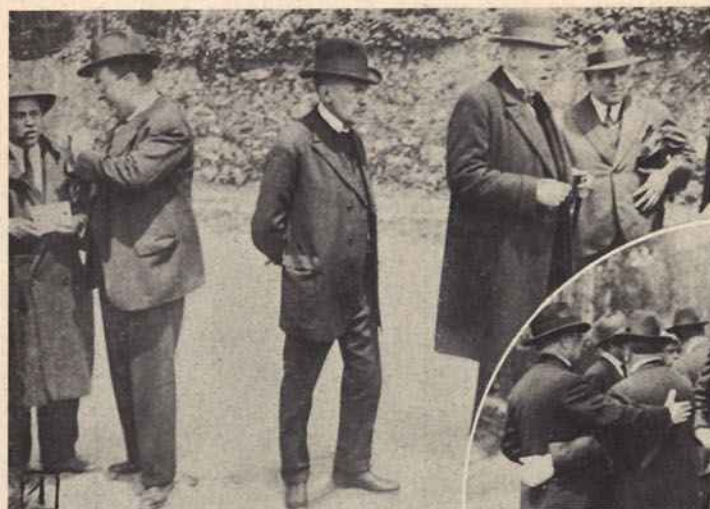


Casamento da sr.^a D.^a Josefina Pinto dos Santos da Fonseca Meneses, gentil filha da sr.^a D.^a Josefina Pinto dos Santos Meneses, e do sr. José da Fonseca Meneses, com o sr. Alberto António Martins Manso, filho dos falecidos srs. viscondes de Valpeçero, cuja cerimónia se realizou na igreja de Nevogilde, na Foz do Douro, no dia 30 do mês passado; Os noivos com os seus convidados nos magníficos jardins do palacete dos pais da noiva, em Vila Nova de Gaia



A partida do ex-ministro de Itália em Portugal. O estimadíssimo e respeitadíssimo diplomata, comendador Carlo Galli, despedindo-se dos senhores ministro da Guerra e Estrangeiros, coronel Morais Sarmento e dr. Bettencourt Rodrigues

NO PORTO



1— O duelo Alfredo de Magalhães-Lopes Martins.— A chegada do dr. Lopes Martins no centro, com a sua serenidade costumada. A esquerda o nosso colaborador *Repbeter X* que, com o fotógrafo correspondente da *Ilustração*, Alvaro Martins, foram os únicos jornalistas que descolhiram o local do encontro



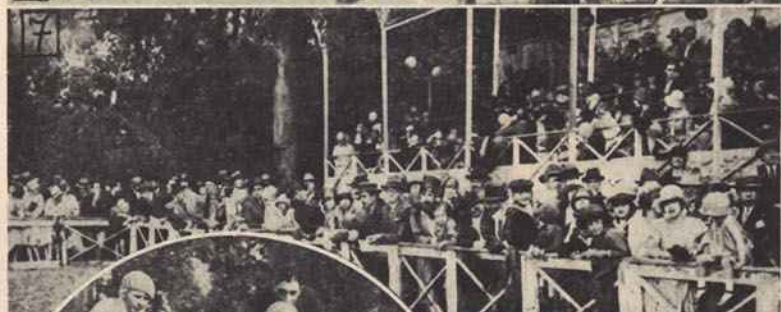
2— Depois das balas sem resultado.— A conferência em paz. Reconcellaram-se, embora a custo, os contendores, e reconcellaram-se médicos e testemunhas, que todos andavam de relações cortadas



2



5



3



3— Depois das balas sem resultado. O dr. Alfredo de Magalhães com o seu especial aplomb nunca desmentido durante o encontro



8



9

4— O dr. Lopes Martins depois do duelo. Junto d'ele o *Repbeter X*, o brilhante jornalista Reynaldo Ferreira, nosso colaborador, e a cuja pericia profissional, bem como à de Alvaro Martins, devemos estas fotografias sensacionais

5— O senhor comandante militar da Região, general Crazeiro Lopes, com o sr. governador civil e outros altos cargos presidindo às festas do 25 de Maio

6— O grande pintor António Carneiro expõe no Salão Silva Porto. Ao lado do egregio artista o retrato de seu filho, Carlos Carneiro, também pintor distinto

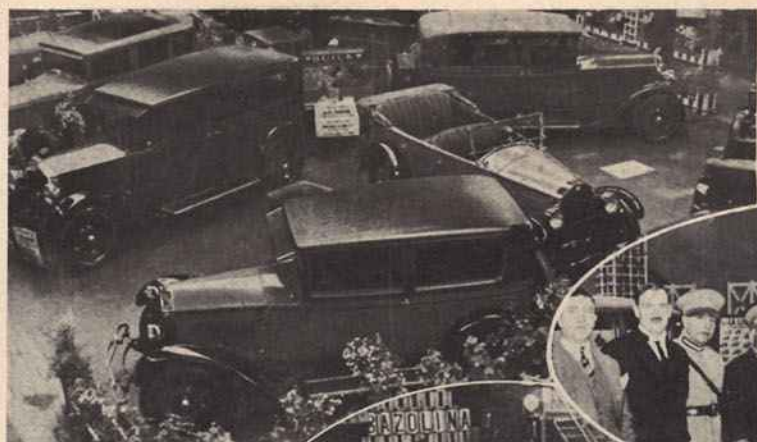
7— Assistência à aginkana Hipica efectuada no campo do Bessa

8— A pesca milagrosa... de peixinhos de celaloide

9— Um número curioso. A amazona faz o percurso levando um ovo numa colher de pau, e o cavaleiro segue-a para apantihar, com outra colher, o ovo que cai quasi sempre

(Fotos Alvaro Martins)

O SALÃO DO AUTOMÓVEL NO PORTO



Na formosa cidade Invicta, berço das mais belas iniciativas de trabalho e progresso, centro industrial de primeira grandeza, inaugurou-se, há poucos dias, o Salão do Automóvel, surpreendente certame que marca como um grande acontecimento. As nossas fotos representam:

EM CIMA, à esquerda: — O estande da marca Buick

NO OVAL, da direita: — O sr. general Craveiro Lopes, comandante da região, com a Comissão Organizadora do Salão

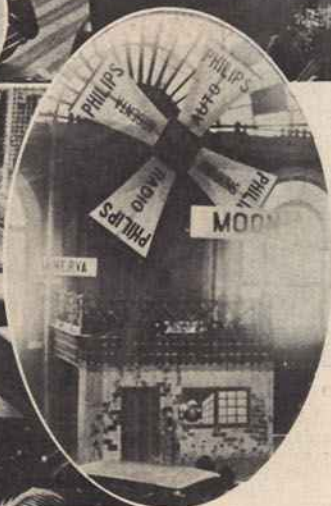
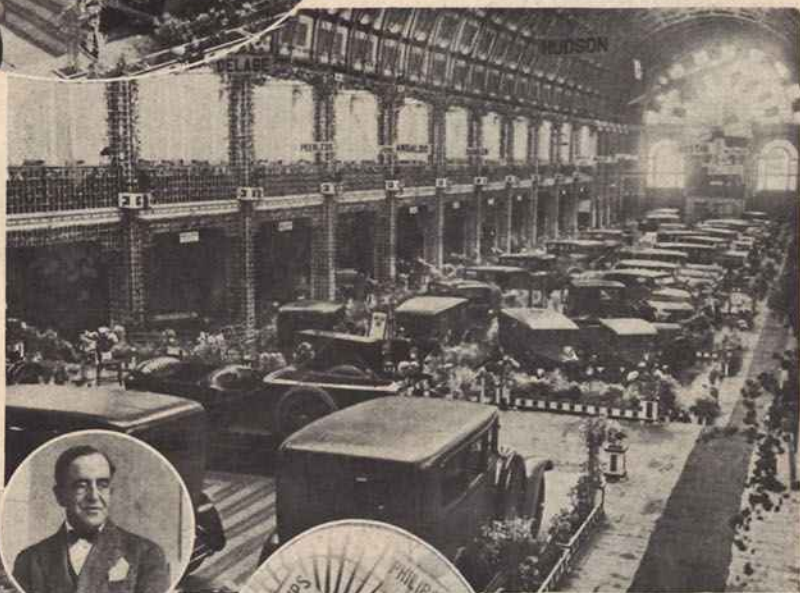
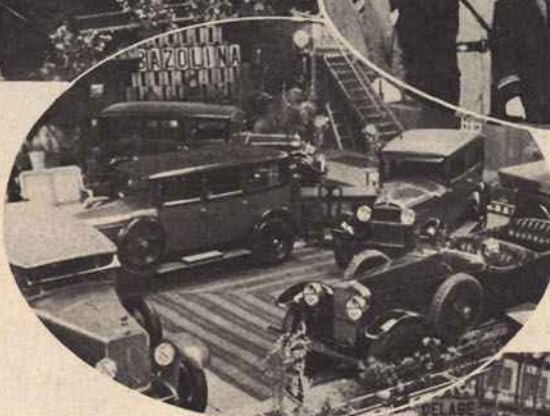
NO OVAL, ao centro: — O «Stand» Delage, de Mário Ferreira, Limitada

A DIREITA: — Uma vista geral da magnífica nave central do Palácio de Cristal, onde se realizou a exposição



NO MEDALHÃO: — O Ilustre delegado geral da Exposição, Romualdo F. Tóres, a quem se devem também as felizes decorações

EM BAIXO, à esquerda: — Outra vista do conjunto do imponente certame



Finalmente no OVAL, em baixo, à direita: — O curioso e originalíssimo estande da grande casa Philips, produtora universalmente afamada das magníficas lâmpadas deste nome e material para T. S. F. Neste Salão tinha a Philips montados vários alto-falantes transmissores de concertos e 70.000 lâmpadas eléctricas. A fábrica Philips dá trabalho a 23.000 operários

FIGURAS DO MOMENTO



O' CONNOR

O grande escultor americano que este ano teve a «Grande Medalha de Ouro da Escultura» no Salon de Paris, com o seu trabalho «Tristão e Isolda».

(Foto H. Manuel)



SIR GEORGE GRIERSON

O mais extraordinário dos políglotas. Este ilustre homem de letras conhece a bagatela de 17 línguas e 25 dialectos que fala e escreve com facilidade e propriedade.



MULLER

CHIEFE do partido socialista alemão que se propõe suceder a Marx como chanceler da República Imperial.

(Foto H. Manuel)



LOUCHIRUR

EMINENTE homem público francês que sucedeu a Fallières na pasta do trabalho e de cuja acção se esperam novos progressos.

(Foto H. Manuel)



VON SCHUBERT

EMINENTE diplomata alemão que está substituindo Stresemann no cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros.

(Foto H. Manuel)



MANUEL HOMEM CRISTO
E
ANSELMO FERREIRA

PRESTIMOSOS aveirenses, únicos sobreviventes da comissão que ergueu naquela linda cidade o monumento a José Estevão e que foram muito homenageados durante as festas de Aveiro.

(Foto Manuel Abreu)



AUGUSTO DE MILO

ACTOR de grandes méritos, verdadeiro mestre de Teatro e homem de letras e de espírito, saúde magnífica duma enorme geração de comediantes, a quem foi prestada pública homenagem no Teatro Nacional, onde o artista obteve os melhores triunfos da sua carreira.



JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA

ESCRITOR e funcionário das colónias que, com a sua conferência «As ilhas adjacentes de Cabo Verde» realizada há dias, se afirmou um distinto colonial.



DR. HUMBERTO PELÁGIO

BRIHANTE advogado e crítico de arte que acaba de publicar um sensacional estudo sobre Malhoa e a sua obra.

COSAS DE MI ESPAÑA LAS GENIALIDADES DE EL GALLO

La vida anecdótica de Rafael el «Gallos», nos permite dedicar otra crónica frívola a sus genialidades y a sus decirs pletóricos de gracia.

Los tiempos presentes no son propicios a hondas disquisiciones filosóficas, ni siquiera a ligeros comentarios de los momentos actuales.

La frivolidad se enseñorea del mundo.

¡Rindámonos culto a la frivolidad!

Y, así estas crónicas, tendrán, al menos, la virtualidad de ofrecerte, lector amigo, unos momentos de distracción que bien precisamos todos los mortales.

Se celebraba en Madrid una corrida de toros, llamada patriótica porque los beneficios metálicos que reportara serían dedicados a la compra de petrechos de guerra.

El «Gallos» era uno de los toreros que figuraba en el cartel. Cuando le correspondió matar su toro, erguido, magestuoso, ante el Palco presidencial, pronunció un brindis que por lo extenso y elocuente, más parecía oración parlamentaria de cualquier político al uso.

Terminada su perorata, el «Gallos», con la muleta plegada en su mano diestra, avanzó con arrogancia hasta la cabeza del toro, que parecía asombrado por aquel desplante de guapeza.

Todo hacía presumir una gran faena.

Rafael desplegó a medio metro de los pitones la muleta cuyos colores eran los de la Bandera española. El público prorumpió en una atronadora salva de aplausos.

Pero no bien el toro trató de embestir a la muleta de los colores de sangre y oro, el «Gallos» la arrojó violentamente contra el suelo y desparvidó, tembloroso y con el semblante descompuesto emprendió vertiginosa carrera que terminó tirándose de cabeza al callejón.

No hubo medio para que el «Gallos» se acer-

cara al toro, que mató traicioneramente a fuerza de pegarle sablazos en el pescuezo.

Uno de los espectadores que más improperó a Rafael, le dijo: ¡muleta, si ese toro no tiene nada de particular!

A lo que el «Gallos» contestó: ¿que ese toro no tiene *nada*? ¡El amigo no vé toros más que cuando se mira al espejo!

Toreaba en Algeciras *Joselito* por quien Rafael, aparte el cariño fraternal, sentía verdadera admiración como torero. Después de celebrada la corrida se rumoreaba por Madrid que *Joselito* había sufrido una cojida de importancia, encontrándose gravemente herido.

Estaba Rafael con un grupo de amigos en el Café y uno de ellos le interrogó: ¿Como estás tan tranquilo sabiendo que a tu hermano le ha cojido un toro en Algeciras?

Y Rafael, sin inmutarse, y tras una gran bocanada de humo que arrancó al magnífico veguero que se estaba fumando, dijo, con acento de convicción:

«A mi hermano no lo apaña ningún toro como no vaya al Hotel y lo coja dormido».

¡Y el hombre continuó tan tranquilo en la tertulia departiendo con los amigos!

El «Gallos» que lleva 26 años toreando es uno de los matadores de toros que más dinero han ganado, pero por sus esplendídes y despilfarros es raro el día que el torero gitano dispone de dinero en importancia relacionada con sus ingresos.

Sus peticiones de dinero al llorado *Joselito* eran frecuentes.

En una ocasión, en aquella que los aficionados españoles se encontraban divididos en dos



bandos formados por los partidarios de *Joselito* y los de *Belmonte*, Rafael pidió dinero a su hermano, que cansado de tanto sablazo hubo de decirle: «No te vuelvo a dar una peseta, Rafael, todo lo que porfies es inútil».

El «Gallos» que escuchó atentamente la negativa, se se encaró con su hermano y adoptando una actitud retadora dijo:

«Está bien, *Joselito*, pero ahora mismo me marcho a la calle de la Sierpe y voy a darle vivas a *Belmonte* hasta que me quede ronco».

Toreando en Burgos tuvo el «Gallos» una de sus tardes desastrosas en que se hace precisa la intervención de la fuerza pública para evitar mayores males.

El Presidente de la corrida, como satisfacción al público y prudente medida de protección al torero, ordenó que Rafael fuera conducido a la cárcel.

Rafael, ni corto, ni peroso dirigió a S. M. el Rey D. Alfonso XIII el siguiente telegrama:

«El mejor monarca de España se encuentra en la Carcel esperando la protección de Vuestra Magestad».

El «Gallos», hombre de supersticiones y prejuicios, ha tenido recientemente un bello gesto que lleva perplejidad al espíritu mas equanime y menos observador.

A los tres días de pisar Rafael tierra española de regreso de America, se enteró que en Madrid había preparada una corrida de Múra (!!) la vacada de tragicas leyendas, que juntamente con la de Pálha Blanco constituyen el terror de la grey toreril.

Para esa corrida, que habia de celebrarse el día del octavo aniversario de la tragica muerte de *Joselito*, no habia toreros voluntarios. Rafael se ofreció a la empresa y toreó la corrida.

Vestido de negro, con la montera en la mano y los ojos llorosos, hizo el *paseo* este torero enigmático al que el público dispensó cariñosísimo recibimiento.

En su primer toro, Rafael logró entusiasmar el público con su arte quintaesenciado y sus alardes de valor. En su segundo toro estuvo franca y desastrosamente mal.

Y cuentan las crónicas que un espectador encamandose con el «Gallos» le decía:

¿Maniarracho! ¿Para que te has vestido de torero?

A lo que Rafael con su característico gracejo replicó:

¡Pa retratarme y mandarle a Vd. el retrato, amigo!».

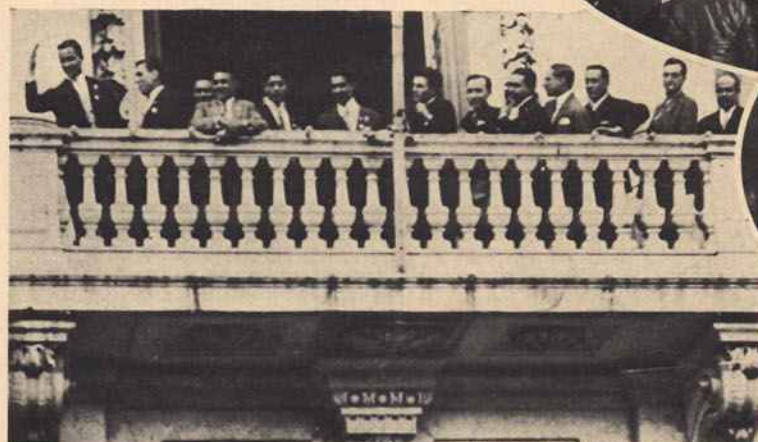
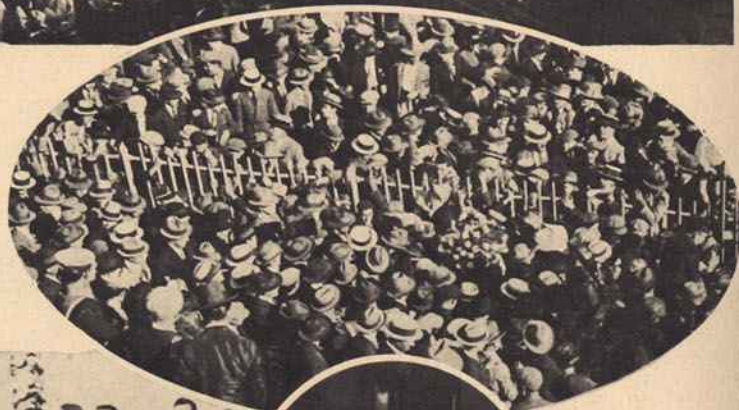
FEDERICO DONAIRE.



A CHEGADA DOS FUTEBOLISTAS



Lisboa fez aos jogadores portugueses de futebol que representaram o nosso país nas Olimpíadas de Amesterdão, um acolhimento triunfal como só usa fazer aos heróis. E foram verdadeiramente heróis esses rapazes votados ao popular desporto, defendendo com galhardia, com alma e com brilho de astros de primeira grandeza, a glória dos portugueses. Apesar do ambiente, apesar da sua natural timidez de debutantes nas olimpíadas, lutando contra o público, naturalmente hostil aos latinos, e certos árbitros escravos de vergonhosos calculos, os nossos rapazes tiveram mais vitórias do que qualquer outra nação da Europa e



(Fotos inéditas e rigorosamente exclusivas da Ilustração)

tiveram o orgulho de ver que a crítica desportiva mundial os guiava a favoritos, classificando a linha média portuguesa como a melhor das olimpíadas e as outras linhas como admiráveis. Também não podemos esquecer e por isso o comemoramos, o esforço desses rapazes que fizeram com que a bandeira portuguesa tremulasse duas vezes no mastro do triunfo e vitam ser finalista do campeonato mundial o grupo da Argentina que, em Lisboa, só conquistou, a custo, um empate. As nossas fotos representam aspectos da chegada a Entre Campos e os jogadores na varanda da Câmara Municipal onde foram recebidos solenemente



REPORTAGENS OLÍMPICAS

DE LISBOA A AMSTERDÃO

COM A EQUIPE OLÍMPICA PORTUGUESA DE "FOOT-BALL,"

(ESPECIAL E EXCLUSIVO PARA «ILUSTRAÇÃO»)

Diz-se que os povos felizes não tem história; a viagem da «equipe» olímpica portuguesa até Amsterdã foi uma confirmação desta verdade.

Desde o ambiente carinhoso que cercava o grupo quando o «Expresso» abalou da «garra» do Rossio, até ao acolhimento íntimo do grupo escasso de compatriotas que nos esperavam no cais de Amsterdã, a camaradagem, a boa disposição de espírito, a alegria, mantiveram-se intactos nos espíritos dos nossos jogadores.

É difícil relatar factos quando nada se passa de relatável; por isso estas notas de viagem se encontram reduzidas à expressão mais simples: à imitação desprezível de leves anedoctas do trajecto.

trazer aos rapazes portugueses uma amostra da muita confiança e do completo apoio moral que nêles depositam os desportistas lusitanos.

O concerto começou, portanto, logo às primeiras horas da viagem e só acabou, pela força das circunstâncias, quando acabou a pele nos dedos do Martinho. A partir deste momento, findas as variações científicas por falta de material executante, entraram em campo os cantadores, cujo «leader» era o Carlos Alves, improvisador de mérito. Cantaram-se em todos os tons os méritos e os fracos dos componentes da caravana, mas de todos os versos há a reter para a posteridade a série que segue, da autoria do Ribeiro dos Reis, que se provou o mais digno sucessor do nosso Camões.

A malta de Portugal
Que vai a Amsterdão
É uma «troupe» famosa
Que vai fazer sensação.

Que vai fazer sensação
É dar brado em todo o mundo
Mandando as outras «equipes»
De cabeça para o fundo.

A guarda das nossas rédes
Ao Roquete confiada
Quere dizer apenas isto:
Por ali não entra nada!

Auxiliam tal porteiro
Dois defesas de cartil
Ambos êles apostados
Em fazer um bom papel.

O forze que é praça velha
Um defesa veterano
Um jogador que retira
Sempre para o outro ano.

O outro fino e distinto
Co'a linha dum diplomata.
Jogando sempre de luvas...
P'ra fugir à zarigata.

O trio intermediário
É coisa tão bestial
Que só por si nos garante
A entrada na final.

Temos o Augusto Silva
P'ra o passe largo e certo
É p'ras «mãos» e passe curto
'Stá por ali o Tamarqueiro.

O Cesar baixo, pequeno
Mas com uma grande «genica»
Está em jogo até que venha
A mulher da fava rica...

A carga aos homens da ponta
Também vai ser abolida
Por isso o José Manuel
Diz que a lebre está corrida.

A fama de Waldemar
Chegou aos Países Baixos
Ou faz 3 «goals» de novo
Ou leva então 3 «borrachos».

O Arrrmando de Setulal
Mais o Pepe de Belem
Vão ensinar aos pechinchas
O gosto que o fado tem...

É se a coisa não pegar
E nos chamarem azelhas
O Vítor Silva até marca
Com os pelos das sobranceiras.

A frente da selecção
Dará entrada na praça
Co'as pernas em arco-iris
D. Cândido, o «Calabaça».

É p'ra fechar a canção
Gritem todos em geral:
Viva a nossa selecção!
Viva o nosso Portugal!



Roquete, um grande guarda-rédes, numa grande defesa.

Em todas as fronteiras a «equipe» encontrou as maiores facilidades, e pode dizer-se que as malas chegaram a Amsterdão sem haver sido abertas. Os passaportes apenas foram mostrados, e unicamente houve a afixar-lhes o carimbo de saída na fronteira portuguesa.

Mas o chefe da secretaria da F. P. F. A., pessoa de cuidadas previsões, um pouco impressionado pela exiguidade do documento consular — pouco maior que um bilhete postal — juntara a êstes umas meias folhas de papel branco, recomendando que deveriam ser coladas aos passaportes em caso de necessidade.

Em virtude das facilidades encontradas, chegámos a meia Bélgica com os papeis intactos. O Ribeiro dos Reis teve então uma ideia genial; quando se aproximava já a terra holandesa, chamou um qualquer dos jogadores e entregou-lhe muito a sério os tais bocados de papel para que os distribuisse por todos, acrescentando que haviam sido dados pelas autoridades holandesas para que cada um ali firmasse a sua assinatura e a impressão digital.

Para maior desenvolvimento da reportagem só o próximo número será o arquivo gráfico e crítico da acção dos portugueses em Amsterdão



A equipe portuguesa, a primeira a pisar o estádio olímpico de Amsterdão, onde, apesar de restrições conquistou os mais brilhantes resultados contra dezto concorrentes, mostrando-se de categoria precisa para ir às finais

A grande maioria compreendeu a «blague», mas houve muito quem assimasse; em dois, porém, a inocência atingiu o máximo. Firmado, à custa de enormes cautelas por causa das oscilações do combóio, o papel recebido, vieram sollicitamente perguntar como haviam de imprimir a marca do dedo.

— «Falta-nos a tinta, lamentava-se com ar penalizado o patife do Ribeiro, mas o melhor será vocês sujarem o dedo molhado, aí, no pó de carvão que cobre as janelas, e assentar depois o dedo no papel».

Pois ambos acreditaram, ó inocência das almas de boa fé, e só o còro de gargalhadas que acolheu a convicção com que executavam a manobra lhes fez compreender o lôgro de que haviam sido vítimas.

A instalação da «equipe» no Hotel que pelos cuidados do Comité Olímpico Português nos fora reservado em Amsterdão foi qualquer coisa de tormentoso. A impressão colhida no primeiro contacto foi deprimente ao máximo; os nossos rapazes não dispunham de quartos, na acepção mais elementar de conforto e comodidades que tal designação traduz em nossos espíritos, mas sim de simples albergues nocturnos: uma cama, onde descansar o corpo, entre quatro paredes.

A consternação foi geral: nossa pela desilusão, dos representantes olímpicos presentes porque não conheciam os quartos, que não haviam tido o prévio cuidado de examinar antes da nossa chegada.

A «equipe» portuguesa de «foot-ball» ficou arrumada, é o termo, por grupos de três, quatro unidades, em alojamentos onde normalmente poderia instalar-se uma, duas, já três pessoas; dos quartos haviam sido retirados todos os móveis para lá meter camas, camas, mais camas.

Onde pôr a roupa não havia; nem um armário, nem uma prateleira.

Os mais felizes possuíam na parede um desvão poeirento com magros cabides. Por grande favor obtinha-se uma cadeira.

Como era natural, os dirigentes, em tais circunstâncias, guardaram para si o pior quarto, e durante dois dias vivemos num compartimento frio, onde nem um balde havia, e a roupa transitava da mala para cima da cama e, para nos deitarmos, de novo para dentro da mala.

Felizmente, com sucessivas reclamações nossas, as coisas compuzeram-se e hoje tudo se regularizou, des congestionando quartos, obtendo

mobiliário, transformando em habitações o que era apenas reles dormitórios.

Amsterdão olímpico não nos oferece o aspecto pitoresco da Paris de 1924; a cidade difere totalmente e, se as bandeiras flamejam abundantes, se os anéis olímpicos são o «leit-motiv» das ornamentações das montras e estabelecimentos, falta aquêl cunho tão característico de centro internacional que Panamé nos apresentava quatro anos atrás.

A vida holandesa, mesmo nesta cidade que eles consideram um centro de prazer, é morta e insípida, não pode agradar aos estrangeiros que procuram sempre em ocasiões similares o divertimento intensivo que lhes exceda o habitual.

Aqui almoça-se às 8 da manhã, lancha-se ao meio dia, janta-se às 6, entra-se para o teatro às 8 da noite, e às 11 tudo recolheu, caindo a cidade no sono e no silêncio. Os «dancings» mais estroinas fecham suas portas à uma da madrugada; a vida de noite é inexistente.

Nestas circunstâncias a influência olímpica pouco se faz sentir; estamos longe do sucesso

formidável de Paris, que estou certo não voltará a ser igualado.

A Holanda fica demasiado longe, e o florim excessivamente alto...

A base da paisagem holandesa é aqui a água; dentro das cidades ou das aldeias, através todos os prados e campinas desenham-se as linhas intermináveis dos canais, gigantesca teia de aranha que cobre toda a região.

Mas nem por isso o panorama se nos traduz ao olhar naquela vivacidade que a presença da água costuma trazer. Como estamos longe dos nossos ribeiros cantantes e vivazes, correndo em brandos murmurios entre renques de árvores frondosas, que ao bafo da brisa acompanham em sussurro da folhagem a canção dominante do riacho.

Os canais holandeses são tristes como o céu plumbeo que nêles se reflete, parados e melancólicos como as coisas sem expressão. A água, indiferente, imóvel e espessa, para ali está sem que lhe face espelheira se deserte sequer o sorriso de uma ondulação ao beijo da aragem refrescante.

Os campos holandeses abafam-nos, dão-nos vontade de gritar, de saeurir, de acordar a vida atestesiada numa natureza fertilíssima, mas sem esplendor nem alegria.

Fni hoje vêr o Estádio; é imponente. Sem a grandeza agigantada de Colombes, impressiona,



Pépe marca o ponto do empate contra o ChM

No próximo número as mais empolgantes crônicas e formidáveis FOTOS EXCLUSIVAS sobre o «foot-ball,, em Amsterdão

no entanto, talvez mais do que a arena francesa, porque é, todo em volta, mais alto.

Ao centro, um tapete verde uniforme, alegre a visão; em torno, contrastando, o anel quasi negro da pista de corridas e, por fóra ainda, o segundo anel cimentado da pista ciclista. Em roda, ininterruptamente, tribunas. Ao longo das linhas laterais as bancadas cobertas, nos tópos bancadas a céu livre, mas, devido à existência dos planos inclinados da pista ciclista, estão muito acima do nível do campo, diferença essencial do Estádio de Colombes, onde os logares dos extremos partem do solo e se elevam a menor altura.

O Estádio de Amsterdão dá-nos assim a impressão de uma vasta cova, isolada do mundo, fechando avaramente dentro de si os episódios das lutas fortíssimas que vai presenciar.

A um dos tópos, dominando tudo, o marcador, com seus três braços descarnados erguidos ao céu: os mastros olímpicos onde serão içadas as bandeiras dos países vencedores.

Em frente, no centro da curva oposta, ergue-se do terreno um enorme mastro branco sobre o qual adoja a bandeira alva com os cinco anéis.

Olimpia vive nos seus jogos de destreza e de força, e aquela insígnia só será descida no dia do encerramento dos jogos.

Circundando o rebordo superior da linha de tribunas, uma teoria de mastros onde adojam os estandartes de todas as nações concorrentes. A bandeira portuguesa é logo a segunda à direita do marcador, a primeira de verdade, pois antes de si eleva-se apenas uma bandeira olímpica.

Será predestino?

A arquitectura geral do Estádio é um reflexo do moderno estilo holandês, é mesmo filho do modelo alemão; é construído em tijolo vermelho calcimado, como todas as edificações da cidade, todo em linhas rectas, ângulos tallados a machado. A entrada, por detrás da tribuna de Maratona, ergue-se uma torre quadrada, modelo de mau gosto; termina superiormente uma espécie de taça, de significação simbólica. Nela arderá, em espírito, a chama da actividade humana.

Por detrás do Estádio passa um largo canal, deixando-nos prevêr outros canais, a vasta teia de aranha de canais que abraça toda esta região holandesa.

Ao longe, por sobre a planura sempre igual, avistam-se velas brancas e chaminés negras fumegantes, revelando-nos a proximidade do mar.

No cinzento tristonho do céu passam, como aves gigantescas, enormes aviões.

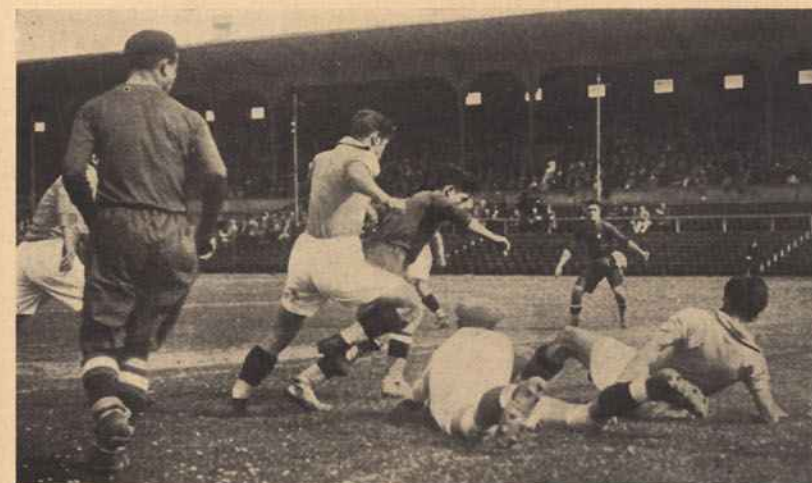
Viajar na Holanda, ajuizando pelo que vi, é de uma monotonia desconcertante. A falta de uma mínima elevação, a planura sempre igual, fadiga e aborrecem. A paisagem holandesa



A tribuna de honra do Estádio de Amsterdão, por ocasião do desafio Holanda-Uruguay



Pepe disputando a bola a dois iugo-slavos, no seu «clan» inconfundível



As redes iugo-slavas em perigo. Pepe vai rematar tendo o porteiro em terra

toma como bases os três acessórios seguintes: o canal, o molinho e a vaca, em fundo sempre verde. A própria casa, onde quer que se encontre, é idêntica, parece tirada do mesmo molde.

Aquilo que mais nos poderia surpreender no país, os trajes dos seus habitantes conservados tradicionalmente, isso mesmo nos impressiona, — pelo menos nos pontos turisticamente clássicos destes arredores da cidade, — desfavoravelmente, colhendo-se a sensação íntima de serem artificiais, para estrangeiro vêr, apenas de fachada.

Em Volendam, em Marken, onde passei de visita, encontram-se na verdade tipos curiosos que, sobretudo nos velhos pescadores, sentimos sinceros e reliquias de um passado que se procura conservar.

Mas a par destes, muitos, a maioria dos habitantes, mulheres, gaiatos, oferecem-se nos insistentemente para serem fotografados, como se ali estivessem unicamente para isso. Estão de plantão à fotografia.

Estas considerações não devem, contudo, ser tomadas em excessivo rigor. Marken, e mais ainda Volendam, apresentam características realmente pitorescas e que, não profundando, encantam.

As crianças são, como sempre, as mais lindas flores do ramo. Minúsculas, mal podendo andar, com seus tarracos de pau, sua touca de rendas ou seu barrete de peles, sua rodinha saia negra até aos pés ou largas calças escuras, parecem miniaturas exactas dos adultos.

Loiras, rosadas, bochechudas, as crianças holandesas são um encanto para o olhar e um mimo pela sua afabilidade, sempre prontas a sorrir.

Já vontade de trazer uma para casa, para pôr em cima da cómoda.

Já que falei de crianças, façamos uma referência à sua extraordinária abundância. Ao cair da tarde, pelas ruas, sobretudo nas modernas avenidas, encontram-se enxames de pequenitos que brincam e correm, todos loiros como trigoais maduros, vermelhos como papoilas, gorditos como bons holandeses.

Parecem bandos de pardais saltitando alegres antes de recolherem aos ninhos.

Pelo que vi, a criança holandesa vive muito mais em liberdade do que a nossa, e a natalidade neste país deve ser notável; sintoma seguro da vitalidade da nação. Por isso, porque a terra é já pouca, para dar guarida às gentes, a Holanda luta com o mar e lhe rouba palmo a palmo o solo de que carece para seu incremento.

SALAZAR CARREIRA.

Para maior desenvolvimento da reportagem só o próximo número será o arquivo gráfico e crítico da acção dos portugueses em Amsterdão



Um retrato da mocidade de Lucinda Simões

LUCINDA SIMÕES

homem fino, bem educado, culto e sabedor de todos os segredos de teatro, de quem recebeu incitamentos e conselhos. Também bastante ilustrada e sentindo arder no peito o fogo sagrado, viajou pela França, Itália, Espanha e outras nações, animando-lhe os intuitos de fazer arte pura, verdadeira, os bons artistas de alta comédia que teve ocasião de ver e admirar.

E foi assim, que ao voltar à capital, cinco anos depois da sua partida, se nos revelou uma das mais primorosas comediantes do teatro moderno, isenta de convencionalismos carunchosos, realizando personagens as mais variadas, as mais complexas, por meio dos processos mais simples, que são os da verdade apresentada apenas com o relevo necessário a toda a produção artística.

— a preocupação de realizar o ambiente que convém à acção das peças. O mobiliário, os estofos, as carpetes, a iluminação, a *bibelo-tage*, todos esses nadas, denunciativos da elegância, do bom gosto, do conforto da vida moderna, mereciam à grande actriz que acabamos de perder, o maior cuidado, o mais entranhado carinho. O pano não subia sem que Lucinda Simões fôsse verificar que tudo quanto indicára nos últimos ensaios estava em seus lugares.

Igual preocupação lhe merecia o seu vestuário e dos demais artistas. Nas peças cujos ensaios dirigia, jámais se viu uma figura vestida de tecidos leves, quando na peça se falava de frio e não tolerava criadinhas com brilhantes nas orelhas e nos dedos.

A grande evolução operada no nosso teatro pelo grande mestre francês Emílio Doux seguiu-se um período durante o qual poucas etapas dignas de registro houve, vindo depois um novo impulsionamento que lhe foi dado pelo nosso ilustre artista José Carlos dos Santos, estabelecer definitivamente processos de dicção, de representação e de enscenação, que atingiram o máximo brilho, anos depois, quando a Empresa Rosas & Brazão tomou conta do Teatro Normal.

Das lições propinadas foram entremettes aproveitando, tendo realizado grandes progressos os principais artistas de então, dos quais se destacaram, na arte de dizer especialmente, Cesar Pola, os irmãos Rosas, Augusto de Melo e poucos mais. Notavam-se nos conjuntos desigualdades; se um ou outro actor procurava realizar os personagens que lhe eram distribuídos com a naturalidade da vida real, falando e deambulando em scena, muitos dos seus colegas, escravizados pela rotina, persistiam em declamar enfaticamente, fazendo gestos descabidos, movendo-se como andróides mal maquinados, e não dando à expressão fisionómica a mais leve manifestação de que o pensamento, que precede as palavras e é seguido pelas atitudes e pela gesticulação, estavam em concordância perfeita.

A fortalecer a acção dos que procuravam realizar a verdade, surgiu então moça, bela, elegante, cheia de talento e de fé, a egrégia comediante que a morte acaba de arrebatarnos; appareceu Lucinda Simões.

Tendo-se estreado auspiciosamente, mas não fazendo em todo o caso supôr que viesse a ser a grande actriz que conhecemos e aplaudimos oito anos mais tarde, causou justificada admiração o apparecimento no pequeno e vetusto teatro de Variedades Dramáticas, que ficava logo à entrada da calçada do Salitre, ou seja mais ou menos no ponto onde mais tarde foi erigido o actual teatro Avenida.

Deixando o antigo Gimmásio em 1870, partiu para o Rio de Janeiro com seu pai, um bom actor da velha escola, mas bastante inclinado aos processos que a filha seguiu. Ali casou com Luís Cândido Furtado Coelho,

Assim se manteve. Assim a vimos nos últimos papeis que representou. Ninguém compunha melhor uma personalidade. Tal como um estatutário de génio, esboçava-a, modelava-a, azeitava-a; cobria-a de andrajos ou de damascos; dava-lhe um todo de fidalga ou de plebeia, de perversa ou de santa. A sua voz era doce, persuasiva, meiga, irada, trovejante, participava de todas as tonalidades, mantendo-se em qualquer delas ou passando bruscamente, sem preparação, duma para outra, consoante o estado de alma que reproduzia. A sua máscara, maleável como cera mole, tomava as expressões mais extraordinárias, mais opostas que se pudessem imaginar, expressões que se transformavam súbitamente ou permaneciam rijas, como se fôsem esculpidas no mais rijo granito ou fundidas no mais duro bronze. Os ditos ligeiros, as frases simples, como os conceitos judiciosos, as manifestações de desdem, de ódio; as emoções amorosas, os sorrisos galantes, tudo, enfim, sabia reproduzir o seu rosto magnífico, onde scintilavam os olhos grandes, fundos, rasgados, cheios de brilho, sob a fronte ampla, bem angulada; o nariz correcto e a boca delgada, de commissuras bem acensadas, que se abria discretamente para sorrir ou se escancarava melonha para soltar uma objurgatória, lançar uma maldição.

Tinha uma memória prodigiosa, que conservou até à morte. Sabia os seus papeis e os dos seus *partenaires*. Por isso ninguém como ella acompanhava e fortalecia a representação das scenas em que se achava, animando ou repudiando o que ouvia e preparando a réplica. As vezes interrompia as suas frases ou as dos que com ella contrascenavam, com um monossilabo, um suspiro, uma afirmação, uma negativa, completando o que não se pôde escrever, mas que completa o pensamento do escritor. E quando tinha de cortar a frase do co-dialogante, fazia-o, sem aguardar que acabasse de falar. E assim é que estava certo.

Deve-se também muito a Lucinda Simões, assim como a Augusto Rosa — deve dizer-se

Um dos seus melhores trabalhos foi, sem dúvida alguma, o *Demi-monde*, sendo assombrosa a sua saúde, no final da peça, quando resignada a voltar ao que fôra, encolhe filosoficamente os ombros, traça o *manton* de Manilha, dá costas ao público, trauteando uma canção *boulevardière*.

Foi muito grande o seu concurso para o levantamento do teatro nacional e com o seu exemplo e o seu conselho muitos artistas aproveitaram. Lucinda Simões tinha o dom de descobrir aptidões para o teatro e de saber guiá-las, encaminhá-las, obtendo de modestos artistas, sem pretensões, verdadeiros milagres de interpretação. Sabia muito e prodigalizzava o que sabia com mãos largas.

Foi uma perla enorme para o nosso teatro a sua morte, especialmente para ensinar. Não vemos quem a substitua facilmente.

MACHADO CORREIA.



A gloriosa actriz nos últimos tempos

WENCESLÃO FERNANDES FLÓREZ

O GRANDE HUMORISTA GALEGO FALA À "ILUSTRAÇÃO,"

O QUE É A ENTREVISTA. — CELEBRIDADES POR CONTACTO. — COMO PORTUGAL LHE ARREBATOU UMA «NOÍVIA». — O BUSSACO. — AS FORMIGAS DE LISBOA E A PRAGA DA FIGUEIRA. — AS NOSSAS MULHERES E OS NOSSOS ADÓNIS. — VALLE-INCLAN. — «A GACETA LITERÁRIA». — R DO MAIS QUE SE DISSER...



*A "Ilustração", em afetos
recomenda de um amigo
português, a seguinte
W. Fernandez Flores*

Não sou decididamente o tipo do entrevistador. Falta-me uma presença física decidida, movimento de gestos, indiscrição, aquela indiscrição um pouco saca-rolhas que provoca as frases lapidárias e as confidências sugestivas. Depois, uma entrevista presta-se mais à exibição do entrevistador do que do entrevistado. O entrevistado, pela sua simples condição de entrevistado, deve necessariamente ser um indivíduo com uma reconhecida celebridade, e, portanto, em exibição permanente; a celebridade do entrevistador, pelo contrário, é uma celebridade fugaz, de relampago, que só dura o tempo em que exhibe em público as suas valiosas relações e os seus contactos dignificadores. Reconheço que em Portugal e em funções de entrevista há algumas celebridades feitas por contacto, mas a minha modestia não é assim tão pequena que se resigna a uma consagração desta natureza. De resto, não se me oculta o fundo de ridículo que acompanha sempre uma entrevista, e quantas vezes em não tenho caído no ridículo para fugir ao... ridículo!

A que se reduz afinal uma entrevista? A dois sujeitos: um, que pergunta coisas que lhe cotyém saber, e outro, que só responde aquilo que lhe convém dizer. E, para que a entrevista tenha algum interesse, o que nos convém saber são as particularidades da vida de qualquer semelhante, que, por regra geral, não está disposto a dar satisfações da sua vida a ninguém.

A circunstância de Fernandez Florez ser o entrevistado vinha agravar a questão. O famoso escritor espanhol é um humorista sempre com a observação apontada ao assunto que lhe passe ao alcance e nem tudo que lhe passa ao alcance está ao alcance de todos nós. Com uma fina percepção dos elementos que constituem um caso, Fernandez Florez tem dado com muitos casos em terra a golpes de visão e a chicotadas de ridículo. E, neste caso, o caso era eu. Tinha que me preparar convenientemente. Toda a noite estive a arquitetar uma pergunta, que se esgueirasse ao menor intento de ataque, à margem dos motivos fúteis, elementares e spires. Depois de muitas cogitações, entre os eflúvios alentadores da alvorada redentora, rompia o novo sol. Eureka! A Sociedade das Nações. Em um assunto sério, ponderado, contudente, que não admitia brincadeiras e ludibriava a perspicácia arguta do nosso humorista. Qual a opinião do simpático escritor sobre a Sociedade das Nações em face dos pequenos povos?

A pergunta era terminante. Levantei-me preocupado com a frase em equilíbrio, a latejar, muito aconchegada a um cantinho da memória para que não lhe desse o ar. A hora da entrevista, acompanhado do fotógrafo — outro dos ornamentos imprescindíveis nestes actos — subi desimpedido, entusiasmado, muito senhor de mim, as escadas da casa do grande romancista galego, no boulevard Alberto Aguilera, com a pergunta salvadora à flor dos lábios. Depois dos

cumprimentos do estilo, ensaiaria um dos meus sorrisos mais comunicativos, e no momento em que o interlocutor se dispuzesse a ouvir as consagradas banalidades, punha-me repentinamente sério, com aquela expressão grave que precede as grande revelações, uma tossesinha de remate, e zás! — Qual a sua opinião sobre a Sociedade das Nações em face dos pequenos povos? Não; não me esqueceria. Tudo ia muito bem estudado. Apertei o botão da campainha. A emoção cortava-me o alento. Sentí passos. A pergunta batia as asas na gaiola do meu crânio como uma gaiota em delírio. O momento era solene. E:

— Qual a sua opinião sobre a acção da Sociedade das Nações em face dos pequenos povos?

— Está, sim senhor. Faça o favor de entrar.

Sain-me antes de tempo. Sempre falo em português com Fernandez Florez e a criada, felizmente para o meu crédito de homem temperado, não comprehendem o que eu lhe queria dizer. Mas a gaiota já tinha fugido. E, na presença de Fernandez Florez, não havia tempo de lhe deitar o laço com a mesma precisão de importância e elevado assunto destinado a um homem célebre, que deve ter da Sociedade das Nações uma opinião muito semelhante à deste míope componente de pequeno povo que naquela altura o cumprimentava.

E, lá falta de outra, saiu esta pergunta, chocante, indigna, familiar, que vem devorar lamentavelmente todas as minhas doiradas esperanças:

— Quando se casa?

— Nunca! Sou contrário ao matrimónio.

— Talvez por coerência com o seu «Relato Humoral»...

— Não é isso. Sou, por princípio, contrário ao matrimónio. É um passo desnecessário.

— Mas o meu amigo sabe bem que todos nós, quando chegamos a velhos, temos obrigação de nos sujeitar a estes três antigos tópicos da humanidade: uma caderneta na Caixa Económica, um par de pantufas e uma velhice tranquila. Como se vai resignar a ser um velho sem uma velhice tranquila?

— Ora! Resolvo admiravelmente essa dificuldade. A mulher, quando nos convém como utensílio, é a coisa que mais facilmente se consegue. Quando a gente tiver necessidade dela para que nos faça uns chás, pega na primeira que lhe caia à mão e não vai tranquilizar a velhice com uma pilha de ódio acumulada durante anos e anos seguidos de tédio e de cansaço. De resto, eu morro cedo.

— Ah!

— Não se espante. Morro cedo, sim senhor; às 11 e meia da noite. Uma mulher, que não tinha de passar pelo sacrifício de se levantar às 7 horas da manhã para nos recolher o último suspiro, não merece a nossa mão de esposo.

— As onze e meia?...

— Sim. Eu explico. Você sabe que, segundo as estatísticas, há diariamente um determinado número de mortes causadas por atropelos de automóveis. Esse número, em Madrid, está rigorosamente fixado em duas dúzias. Você repare que, das 11 para a meia noite, esses veículos passam como sombras fugitivas ou desatracados corceis por essas ruas de Cristo. E que às onze o registro só marca vinte mortos. Faltam os quatro restantes que hão-de ser perfeitamente assassinados antes de cair a meia noite, sob pena de grave desobediência às estatísticas, a quem os «chanfours» rendem todos os respeitos e considerações. Daí, as fantásticas velocidades que a essa hora sempre se notam nesta capital. Eu estou destinado a ser o 23 da série dum dia que a fatalidade já determinou e a morrer às 11 e meia horas precisas. Como vê, não tenho necessidade de me casar.

— O que não desmente a sua debilidade pelo sexo frágil...

— É claro que não. As mulheres são o meu fracasso. Sou um grande amoroso. Nunca devassei

conventos, como o meu colega Tenório, mas já escalei todas as idades e até já deambulei por quasi todas as nacionalidades. Em todo o caso, tenho duas penas na minha vida: nunca possuí uma namorada andaluza, com grade, *quintecreana*, nem uma fidalguinha portuguesa, daquelas lividas amorosas do Camilo, que, ao que parece, ainda existem na sua terra. Pelo contrário, a mim Portugal arrebatou-me uma noívia...

— Uma noívia?

— Sim, eu conto.

Uma explicação em alívio de culpas para Portugal. A noívia castelhana não é só a noiva portuguesa, de vestido branco e flor de laranjeira. A aceção é muito mais generosa. Percorre toda a escala amorosa desde que o amor desponta, fim extrema direita, até que o amor fenece, na extrema esquerda. A noívia de Fernandez Florez estava colocada na extrema esquerda. Agora já pode prosseguir o apreciado autor do *Segredo do Barba Azul*.

— Aqui há anos estive em Portugal na companhia dum insinuante compatriota minha, e tão insinuante era que, alguns dos seus espaiços tentaram pôr à prova as tradicionais virtudes da conquista portuguesa. Arrependi-me, mais tarde, de não ter proporcionado à sua Terra mais uma glória. Vai ouvir. O caso foi em Sintra. Nós estávamos hospedados no Hotel Neto, creio que assim se chama, e o nosso quarto ficava por cima da câmara cor de rosa dum loira brasileira, que era *una preciosidad*. Formosa noite, de sonho e enlevamento, noite eminentemente portuguesa, com todos os elementos inconfundíveis das noites portuguesas: um luar de maravilha, e lá em cima a serra de Sintra, com o seu castelo de fadas encantadas. Muito, enfim, de poesia que agora não se encontra senão em Portugal. Só faltava o trovador. Mas a trova tinha de chegar, e ouviram-se no longe os murmurios dum guitarrada que se aproximava cada vez mais. Era uma serenata à brasileira da câmara cor de rosa. Eu estava à janela embebido nos encantos da noite, e a minha linda companheira (eu nunca tive uma companheira feia) sentada na cama. Rompe o fado, um fado de desalento e de culpas de amor, que me arrancou as lágrimas mais galegas que na minha vida tenho confiado aos mistérios dum noite de magia. E o fado seguia, seguia e chorava, chorava... e tanto chorava que me pareceu uma acção misericordiosa dar ao meu coração alguns consolos de amor. Nunca a minha compatriota teve melhor ocasião para secar as lágrimas dum amante melancólico. Mas, oh



Uma conhecida caricatura de Wenceslao Fernandez Flores



Wenceslao Fernandez Florez à janela de sua casa com o nosso redactor-correspondente em Madrid.

decepção! Olho para o lado e aquela mulher, que eu julgava um tesouro de ternuras e de coisas lindas, ressonava como um sargento de *la guardia civil*... No dia seguinte, despachava-a para Madrid. E aqui tem você como Portugal me arrebatou uma estóvia.

Esperámos, comovidos, que o nosso amigo secasse as lágrimas e disparámos a queima-roupa:

— Como acha a mulher portuguesa?

— Lá isso não; sou incapaz de melindrar as mulheres da minha terra, a quem devo o reconhecimento das melhores horas da minha vida. No entanto, pode afirmar que não abundo na opinião generalizada em Espanha, que considera, em Portugal, os homens mais «guapos» do que as mulheres. Para meu gosto e uso, é precisamente o contrário. Contudo, como nos animais carnívoros superiores, o macho é melhor formado do que a fêmea, talvez elles tenham razão. Mas eu tenho um vivo palpite de que essa opinião da Espanha sobre os vossos Adónis foi formada pelas nossas mulheres.

— É justa correspondência. Os nossos homens tem uma opinião clara sobre as suas compatriotas: não conhecem espanhola feia.

— Vocês sempre foram pessoas de bom gosto. O português é sempre um indivíduo fino e atencioso, e casos há em que a cavalheiresidade chega até a ser mania.

— Deformação de naturalidade?...

— Talvez... Mas também concorrem muito para esta impressão as doces modalidades da lingua portuguesa, que, a ouvidos espanhóis, «da ao castelhano galanteador do nosso século de ouro. Esse «minha senhora» é todo um vilancete. Até o popular «vocemecê» se aproxima mais do aristocrático *vuestra merced* do que o nosso *sêo Vd.*

— Terras de Portugal...

— O Bussaco — atalha, terminante, o nosso simpático amigo, não me deixando terminar a frase — gostei tanto do Bussaco que foi a única terra portuguesa, das visitadas por mim, que não tratei em crónica. Suponha que começo a proclamar no «A. B. C.» os encantos do Bussaco. Daí a dias tinha o maravilhoso parape infectado de espanhóis. O Bussaco era coisa reservada para mim, quasi ninguém em Espanha o conhecia, e se agora tanto publicamente as suas maravilhas é porque há tempos já que a baixa do escudo me atraiçou. Hoje deve estar como a Figueira...

— Mas que tem a Figueira?

— Todas as cidades — observa o curioso humorista — contam com o seu animal representativo. Em Lisboa, por exemplo, aquelas fôrmas de mochila encarnada a atacar o semelhante em colunas cerradas constituem um verdadeiro flagelo. A representação exclusiva de Madrid, cabe às baratas; de San Sebastian, às pulgas; e de Biarritz, aos mosquitos. Na Figueira, há uma praga de animais domésticos, periódicos, que a torna inhabitável: os *extremeiros*.

Nesta altura Fernandez Florez coça uma orelha. Aproveitò a oportunidade, enfiò para outro assunto e peço-lhe impressões sobre a nossa literatura:

— Quem me conhece — acòde amavelmente o nosso entrevistado — sabe bem a admiração e o respeito que me merecem as letras portuguezas. A Camões, Herculano, Garrett, Camilo, Antero, Rça, esse grande Rça que é o primeiro e o maior florescimento do humorismo na península, conheço-os e estimos-os como qualquer português.

— Mais para cá, mais para cá — atalho eu. — Não devia falar das letras portuguezas de hoje. Mas, enfim... Olhe, meu amigo, considero-me quasi um português e posso aspirar a liberdades que só não estão vedadas aos filhos da sua terra. Estimovos muito, sou muito ga-

— Não; o único eco que pode ter é o ruído da água que ferve na panela. Esperemos que esteja fervida e julgemos depois.

— No entanto, há alguns nomes que já sãoam... São consagrações que se formam por sobreposição, como os minerais; por sobreposição de adjetivos de encómio mutuo. É um caso de moda, de pedanti-smo, que não tem relação alguma com a juventude. Depois, a juventude não é uma questão de idade. Há muita gente que pela sua presença se chama 40 anos, e pela sua colocação na vida não tem mais do que vinte. A acção deles, se acção se pode chamar, é de franca negação para as gerações anteriores. É como se as escadas dum quarto andar negassem a utilidade das do primeiro. Gosto, e até simpático, com os gestos de rebeldia consciente e individual. Mas aquêles atacam em



Wenceslao na sua casa de Alberto Aguilera

lego e quero ter, por tanto, o direito de vos ralhar. O que agora mais me impressiona em Portugal é a vassalagem que vocês rendem à literatura estrangeira. A tradução, no seu país, tem hoje mais aceitação do que o livro nacional, e a culpa é dos portuguezes. Só nas obras dos dois Ribeiros, Aquilino e Manuel, é que ainda hoje se encontram rajadas de bom e puro portuguezismo. O resto, do que conheço, dá-me a impressão de ser francês, muito francês, muito mau francês. É uma pena! Na poesia, que em Portugal se cultiva em alto grau, em qualidade e quantidade, é que os portuguezes ainda conservam as suas virtudes matas. Não se desaportuguezem. Vocês tem uma lingua admiravel que se presta ao espirito de todas as épocas, por muito desorientadas e movidas que elas sejam, motivos nacionais cheios de sugestões para novelar e outros valores de reconhecida utilidade que é uma pena que se desperdicem.

A observação do escritor amigo é sincera. É uma «panadinha de amor» que eu, como português, agradeço. Prossigamos.

— Nomes espanhóis...

— Reservo as predilecções para não preferir ninguém. Mas há um nome, que para muito lá em cima, e que honradamente não se pode omitir quando se fala de letras castelhanas: Valle-Inclan. É o mais forte e o mais interessante dos romancistas de hoje. Reune as duas maiores qualidades para bem novelar: uma estylo único e uma imaginação portentosa. D. Ramon, em arte e em nascimento é fruto da Galiza e, portanto, uma glória galega. Sem se ser galego, não se pode escrever o que escreve Valle.

— É a nova geração? O grupo da *Gaceta Literária*?

— Não é na *Gaceta Literária* que estão os melhores «novos» da Espanha. As suas teorias, de resto, não servem para gente nova. Presumem de falta de emoção, e a falta de emoção é falta de virilidade, frialdade sexual.

— Mas, parece ter algum eco em Espanha.

conjunto, em colunas cerradas, como as fôrmas de Lisboa...

Aqui termina a entrevista. O «munchas gracias» do estylo e uma despedida afectuosa. Começo a descer a escada ainda um pouco desalentado com a pergunta que se frustrou.

Olhe! Olhe!

Volto-me. É Fernandez Florez que me chama.



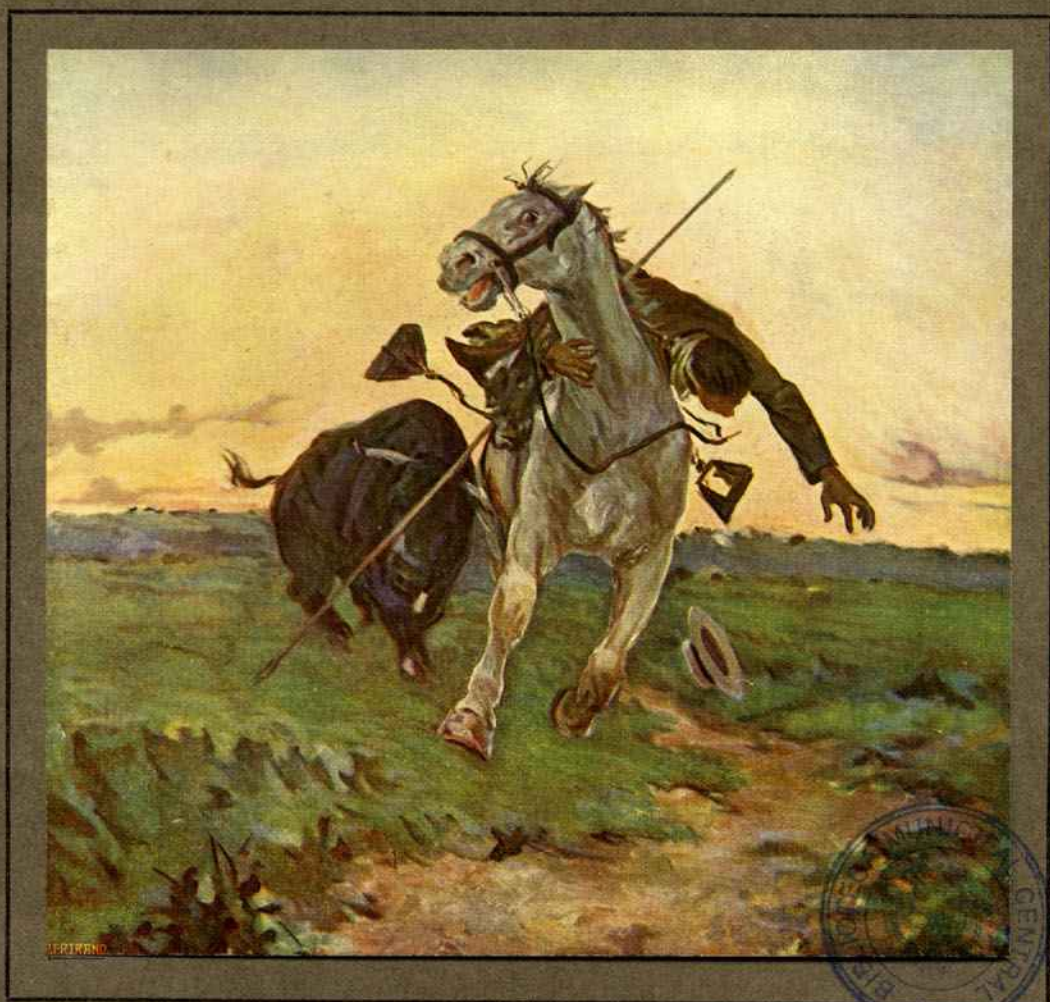
O grande humorista lendo

— Não se esqueça de dar um abraço ao Reinaldo!...

— Que Reinaldo?

— Ao «Repórter X».

Alí fica o abraço ao grande «repórter» portuense, que o autor das «Sete Colunas» considera o primeiro da península. Parece efectivamente que tem razão. Por aqui, no seu género, não há nenhum que se lhe pareça. E por aí?



SIMÃO DA VEIGA

— Uma colhida! . . . —

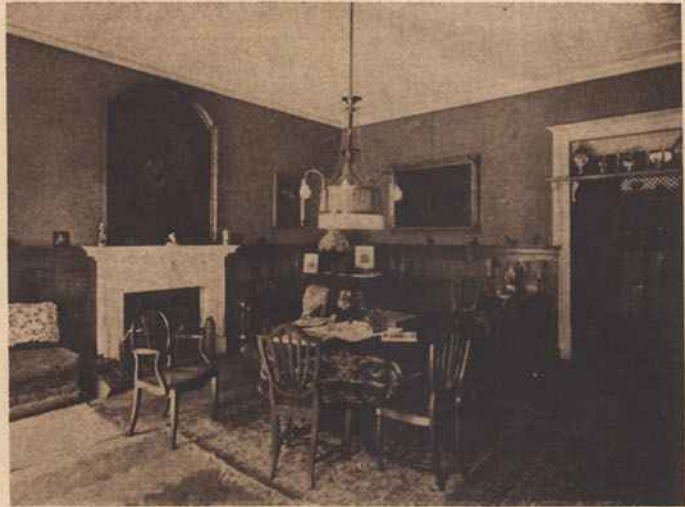
A CASA PORTUGUESA

CASA DO SR. MANUEL EMYGDIO DA SILVA—LISBOA

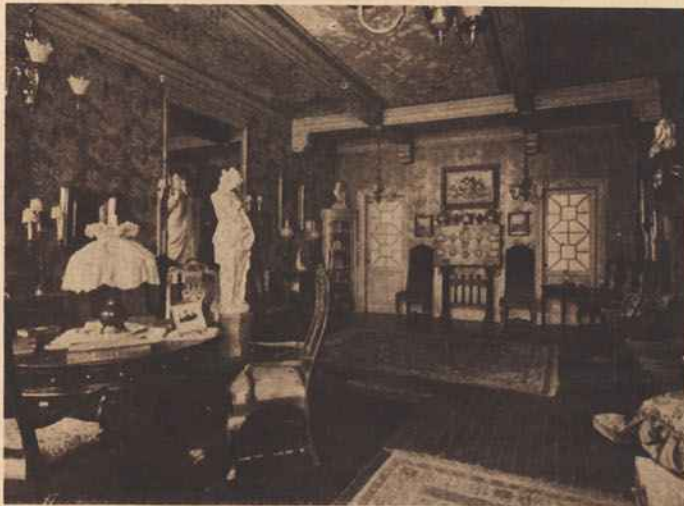
ALGUNS ASPECTOS DESTA CONFORTAVEL RESIDÊNCIA



TRECHO DO JARDIM



FONTE DE EMBRECHADOS



SALAO ONDE, ENTRE VARIADOS OBJECTOS DE ARTE, SE ENCONTRAM ALGUNS DOS MELHORES «COLUMBANOS», E UMA BELA ESTATUA ATRIBUIDA A CLODION.



FEMININA



Embaixadora, não só da beleza das mulheres de França, mas até da soberana elegância de Paris ao concurso internacio-



mos hoje, em fotografias exclusivas da *Ilustração* e da autoria dos «Studios G. L. Manuel Frères», de Paris, quatro modelos de chapéus, qual deles o mais original e gracioso, criados por Cora Marson, bem como dois aspectos do gracioso fato de banho de Jenny, com que Miss France, sob o sol da Califórnia, nos arcais de Galveston, há de aparecer ante os juizes.



nal de beleza de Galveston, mademoiselle Raymonde Allain leva à América uma deliciosa coleção de modelos que os primeiros criadores de modas da Cidade Luz executaram em sua honra, para ornato da sua incontestável beleza, para moldura das suas formas impecáveis de estátua grega. Na nossa página feminina da-

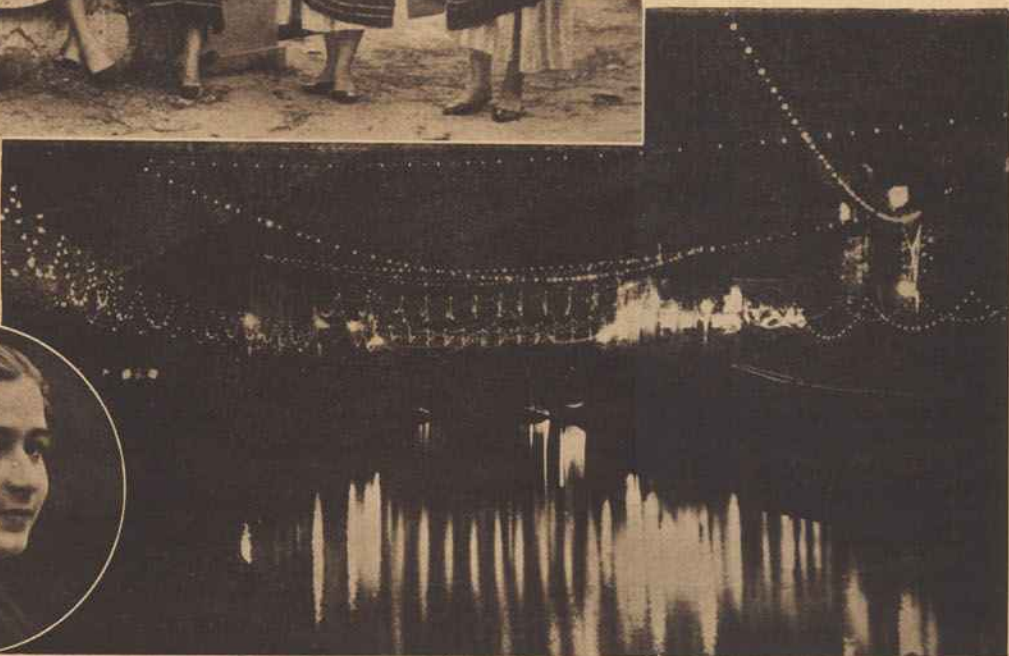


MULHERES DE AVEIRO



Aveiro, uma das mais belas cidades do país, cortada de ridentes canais, fulgindo ao sol de Portugal, é também um escrínio de preciosas joias, as suas mulheres, das mais lindas da nossa terra. Tricatinhas clássicas, salineiras airosas, esbeltas e esculturais como âncoras, raparigas lindas da beira-mar, perfis fenícios de encanto, tudo foi focado com felicidade por Mannel Abreu que ainda nesta página nos dá uma bela foto das iluminações da ria durante as últimas festas e de duas lindas crianças premiadas na batalha de flores.

Deliciosas fotos de arte do grande artista aveirense Mannel Abreu, exclusivas para *Ilustração*



JOÃO DE GOURMONT

O *Mercuré de France* do primeiro de Março trouxe a triste surpresa da súbita morte de Jean de Gourmont, na tarde de 19 de Fevereiro, e nessa casa da Rue des Saints-Pères, 71, a *Cité des Livres*, que foi a morada parisiense, de 1898 a 1915, do seu grande, do seu genial irmão, Remy de Gourmont.

Sem sofrimento, sem os esgares da morte, como era justo que a morte se anunciasse a quem só vivera da beleza da vida, e enquanto sua mulher o deixava uns instantes, expirou o admirável romancista de *La Toison d'Or* e de *L'Art d'aimer* junto à sua mesa de trabalho, em que papéis e livros se amontoavam, a mesma pequena mesa modesta a que trabalhara o grande Remy, arrumada nuni vão de janela, de onde os olhos se lhe espalhavam por toda uma paisagem fremente de telhados, de chaminés e de mansardas desse adorável canto de Paris que vai do Boulevard Saint Germain à espelhada linha verdejante dos Cais. Em suas tão belas gravuras em madeira para uma obra de seu cunhado, M.^{me} Jean de Gourmont fixou sensitivamente as linhas desse panorama humanizado da grande cidade intelectual e apaixonada.

A um ano da guerra desapareceu da *Cité des Livres* Remy de Gourmont, um dos maiores escritores franceses dos últimos tempos, e que, ainda mal, tão pouco é conhecido ou lido nesta Lisboa que se jacta de quasi só ler livros de França.

Não tardou a acompanhá-lo na morte M.^{me} de Courrière, a bondosíssima, a encantadora *Sixtine*, e agora, ainda em plena vida e em plena febre da criação literária, o conde João de Gourmont.

Dos meus três amigos da *Cité des Livres*, que ao meu longínquo e resplandecente exílio de Timor levavam por cartas, por livros ou pelo *Mercuré* a suprema e maravilhosa graça da inteligência, da sensibilidade, da urbanidade e da generosidade da França, desaparece agora o último, e a notícia da sua inesperada morte dá-me a impressão de que qualquer coisa da memória da minha vida se destaca da minha alma e se dissolve já na infinda indiferença duma grande treva.

Dos três só ao conde João de Gourmont tive a honra de conhecer pessoalmente, quando ao fim do meu serviço no C. R. P. cheguei a Paris, de regresso a Portugal. Meudinho, franzino, longos cabelos fulvos à artista, olhos azuis magníficos de intensa vida intelectual, palavra sossegada e um pouco velada, quiz-nos mostrar, a minha mulher e a mim, as maiores preciosidades bibliográficas da biblioteca reunida por seu irmão e por ele, principalmente as edições ricas e eruditas do seu avoengo do século XVI, o humanista Gilles de Gourmont, *Egidius de Gourmont in vivo sancti Jacobi triu coronari indicé*.

Se nos houvessemos podido demorar em Paris, teríamos tido a insigne distinção de visitar Versailles, guiados pelo seu amigo sr. Pierre de Nolhac, o historiador de Maria Antonieta.

Como estimou João de Gourmont que eu lhe oferecesse como *porte-bonheur* um ceitel branco de D. João I, cunhado para a expedição de Ceuta!

Remy gubava-se a Rubén Darío de ser por

uma das suas avós Grande de Espanha de 1.^a Classe. A tradição porém que animava intensamente a alma dos Gourmont era a do seu antepassado Viking, rei na Noruega, que das pálidas brumas dos mares setentrionais, em rumo de aventura e de algo novo, viera aproar num dia do século IX à praia normanda, e nessa terra bendita criar raízes de família, vigorosas e vividoiras.

Aristocratas da esquerda, chama Gabriel Brunet aos irmãos Gourmont. Nas ante-vesperas da tomada da Bastilha teriam sido os dois irmãos voltaireanos e *libertinos*, enciclopedistas e *frondeurs*, embora uma vez no turbilhão, por horror às grosserias sanguinárias da populaça

tre Escultor a Remy, e que num canto da quadra, entre altos renques de livros, espiritualmente em alvura a sua imortal e divina nudez de mulher.

Uma vez que de Timor mandei a João de Gourmont uma flor seca, mas sempre azul, da trepadeira *Clitoria ternatea*, espontânea na Índia e na Insulindia, escreven-me ele: «J'ai respiré aussi le parfum séché de cette petite fleur d'un bleu admirable que vous avez en la délicatesse de glisser dans votre livre, et le nom de cette fleur: Clitoria ternatea, m'a charmé, m'évoquant les lointains pétales d'une femme mystérieuse que je ne respirerai jamais.»

Da violência avassaladora do avoengo viking, trónico da raça, restava esta seiva de paixão, que é em todo o caso todo o fermento da vida. O genial humorista espanhol D. Ramon Gomez de la Serna, num magnífico artigo consagrado à memória de João de Gourmont na *Gaceta Literária*, acentuou o fervor dionisiaco que atravessa a obra dos Gourmont, e que faz passar uma deslumbrante, uma feminina chama flava em cada página de *La Toison d'Or*. Toda a febre de amor do cerebral Paris estava nesta obra tão bela.

Em carta a Gomez de La Serna, confessou o autor de *L'Art d'aimer* e das *Muses d'aujourd'hui*:

«Depuis ma jeunesse, je n'eus qu'une irresistible impulsion, qui fut l'amour. Et, dès que j'ai pu voler par dessus les arbres je me suis envolé pour Paris, beauté des chairs et beauté des âmes.»

Vieilli, je crois aujourd'hui encore que mieux vaut l'amour d'une femme que la gloire. Et que c'est en l'amour — cette analyse de nous-mêmes — que nous prenons le mieux conscience de nous.»

Nascido em 1877 no pequeno solar acastelado de Mesnil-Villeman, no departamento da Mancha, João de Gourmont morreu cedo.

Por ocasião do seu casamento com a jovem escultora de talento, M.^{me} Suzanne de Gourmont, permitiu-me o meu querido camarada Rocha Martins que algumas palavras minhas na sua revista *A B C* acompanhassem a fotografia do retrato dos noivos.

Cabe-me hoje o dever de fazer acompanhar de palavras minhas, nesta formosa *Ilustração*, o último retrato do grande literato falecido.

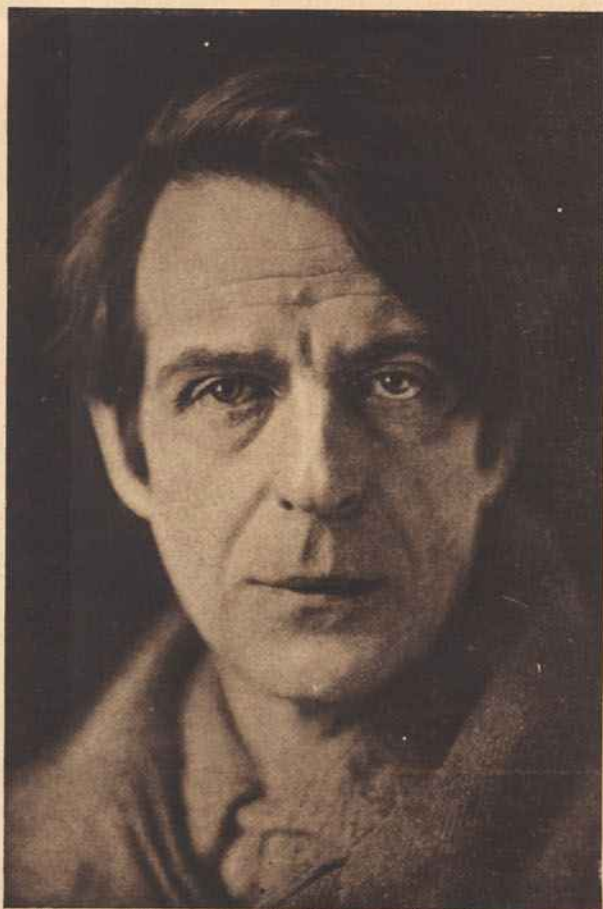
«Je vous envoie — escreve-me a sr.^a condessa Jean de Gourmont — la photo la plus évocatrice de Jean, une photo que je ne peux pas regarder car il me semble que ses yeux si tristes me reprochent leur propre tristesse.»

Felizmente que se não extinguir de todo a luz do lar dos Gourmont. «Agora que o vácno — diz-me M.^{me} de Gourmont — é tão brusco, recolho piedosamente as recordações, e procurarei servir o melhor que puder as duas memórias.»

Se os seus livros queridos se dispersassem, como não sofreria no túmulo de Clésinger o pobre cadáver de Remy, embora a vida lhe houvesse ensinado que tudo é sonho vão e ilusão passageira, suprema sabedoria.

Lisboa, Maio 20, 1928.

ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO.



Uma obra de GENTHIEUR & Co. / HENRI MARTINÉ

João de Gourmont

demagógica, não hesitassem em subir com *crânerie* de boa raça e com elegante desdém as escadas do cadafalso egalitário em que se atarrefava mr. Sanson, Monsieur le Bourreau.

Discipulo de Remy, João de Gourmont foi como ele um grande e subtil dissociador de idéas. O imoralismo de que acusavam os Gourmont era tão só uma larga e livre moral estética, com um resíduo de ilusão embora, como o de qualquer outra, de resto.

Mas falecido Remy, evanescidos naquela casa o perfume e a guerreira graça andrógina da *Amazone*, era ainda Divindade omnipotente do lugar o Amor, a Feminidade, corporisada na grande Ninfa de Clésinger, presente do mes-

SOCIEDADE ELEGANTE



MADAME FINN DE KOREN

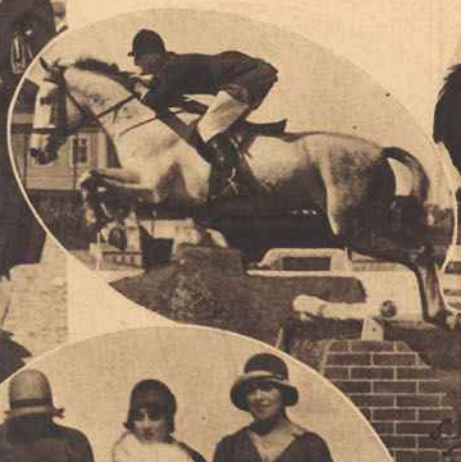
(Foto San Paço)

ILUSTRE SENHORA, DISTINTÍSSIMA ESPOSA DO SENHOR ENCARREGADO DE NEGÓCIOS DA NORUEGA

HIPISMO E ELEGANCIAS



M. NOVAES



S. Diniz

Na nossa página arquivamos os mais belos documentos das últimas provas hípias internacionais, não só sob o ponto de vista puramente desportivo mas também sob o ponto de vista de elegância pois que o Concurso Hípico foi uma verdadeira parada de luxo e bom gosto, distinguindo-se, na arista crítica exhibição, os modelos de toilette da celebre criadora de modas M.^{me} Valle, com chapéus de Tala e que reproduzimos no fundo da nossa página, à direita.



M. NOVAES



M. NOVAES



S. Diniz



S. Diniz



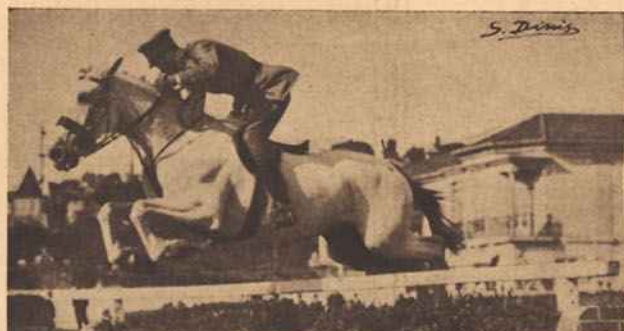
M. NOVAES



M. NOVAES

O DESPORTO DA ELEGANCIA

Desporto tradicional entre nós, o hipismo, foi e será sempre um desporto de elite, um exercício físico que tem uma larga tradição de grande elegância. Os concursos hípico internacionais disputados em Portugal e onde se fazem representar as duas nações peninsulares pelos seus mais garbosos cavaleiros, são, por isso mesmo, grandes espectáculos de dextreza, de coragem, de arrojo e de elegância e beleza femininas. As mais lindas senhoras portuguesas acorrem ao campo de obstáculos ataviadas de seus mais ricos e requintados trajes, numa parada de sorrisos e de formosura, dando alento com os seus olhares



nos valentes equitadores que, mais na mira do prémio dum sorriso ou dum olhar do que duma taça ou de um troféu, executam nas suas maravilhosas monturas saltos arriscados, praticando feitos desportivos de momento em todo o mundo. A nossa página dá flagrantes aspectos do último encontro e da ginkana elegante que se lhe seguiu focadas em fotos exclusivas da Ilustração por Salazar Diniz e Mário Novais



PORTUGUESES NA AMÉRICA

As colónias portuguesas nos Estados Unidos são centros de formidável e dignificante actividade. Nunca esquecendo a Pátria distante, ligados perenemente a Portugal pelo coração e pela saudade, os portugueses que exercem a sua actividade naquelas formidáveis

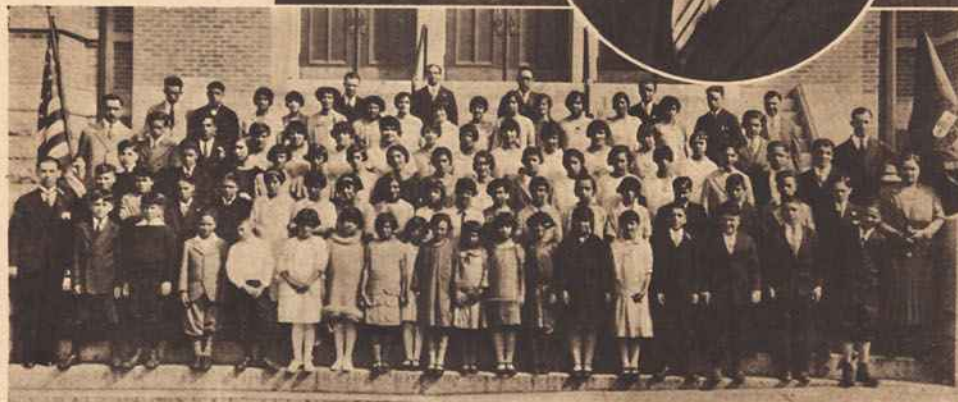
chusets, os portugueses, tendo à frente o representante diplomático, dr. Carlos Sá Miranda, entregaram-se a uma bela obra, o Ateneu, cuja escola foi reconhecida oficial pelo governo português em diploma de 6 de Dezembro de 1927. As nossas fotos são do

cumentos do esforço educador do Ateneu e representam, em cima o grupo dramático do Ateneu que dá frequentes espectáculos em benefício da escola e onde se veem, da esquerda para a direita, sentados: D. Maria Rezende, Augusto Gomes, D. Maria Garcia, Adelino Soares, D. Leonor Câmara e D. Alice Carreiro. Em pé: Manoel Câmara, Roberto Calado, Manuel Machado, D. Maria Carreiro, Manuel Garcia, D. Eva Oliveira, José Santos, Jacinto Pacheco do Amaral e Francisco

Ferreira. No medalhão da esquerda, o professor da Escola Portuguesa, Manuel de Sá Couto, e ao centro da página o mesmo pedagogo com os alunos que o ano passado obtiveram diploma do curso e são da esquerda para a direita, sentados: D. Laurentina Ferreira, D. Alzira Gonçalves Tercera, professor Sá Couto, D. Maria Cabral e D. Maria de Sousa Rebêlo. Em pé: Guilherme Lopes, Manuel da Costa, D. Maria Rosário Pacheco, João do Amaral Moniz, D. Maria de Sousa, António de Sousa Júnior e Manuel do Rêgo Vieira. No medalhão, o benemérito e dedicado pre-



país, colhendo embora os bons exemplos de trabalho do meio que habitam, não deixam que os seus filhos, a mocidade portuguesa, se desnacionalize. Em Fall-River, Estado de Massa-



sidente do Ateneu Nacional Português e finalmente, em baixo, um grupo feito como recordação da festa escolar de 1927, em que figuram todos os alunos e no último plano, ao centro, à esquerda do presidente do Ateneu, o ilustre consul de Portugal dr. Carlos Miranda.

Ilustração apresenta saudações ao ilustre diplomata, para que as transmita aos nossos compatriotas ali residentes.

LIVROS E ESCRITORES

Oliva Guerra, que desde a publicação do seu volume *Espirituais* se categorizou como uma das nossas mais inspiradas poetisas, no seu brilhante talento poético junta o de musicóloga sábeora e arguta. Em conferências e artigos de divulgação e crítica, tem-se mostrado na posse dos factos mais salientes da história musical, quer no que respeita aos tempos antigos quer no respeitante à arte moderna dos sons. Ciência apenas? Não. Intuição artística também, e da mais fina tempera. Assim, ao encarar qualquer individualidade musical, ela interpreta-a sob todos os seus aspectos, indo no ponto de explicar a obra de cada compositor por meio da sua vida, critério que é o mais acertado, pois já é toda a criação literária ou artística que não deixe adivinhar através dela as palpitações, ledas ou angustiosas, duma alma.

Nos *Ritmos*, seu livro recente, coligiu Oliva Guerra cinco dessas suas conferências, a saber: *César Franck e a sua obra; Elogio da Arte; Erik Satie e os Seis; O Romantismo de Chopin e Liszt*; e, para fecho, *Danças de Espanha*, cujo texto, ao terminar, nos dá mais uma bela produção poética da autora apreciada dos *Espirituais* e do *Encantamento*. Em todas estas páginas, tecidas de notas vivas, se recebe um ensinamento e também uma sugestão estética, pelo que bem andou a autora arquivando-as em volume.

A Noite Humana é o novo livro de Mário Beirão, esse grande poeta que nos deu a geração moderna. De sonetos apenas, cento e dez ao todo, se compõe o volume, sonetos recortados na linguagem portuguesa mais pura. Nesta obra, como nas anteriores, o que é sinal da sua unidade inspiradora e testemunho também de que a poesia é nele uma vocação e não um entretenimento, o poeta continua o seu diálogo com o mistério do universo, diálogo extraordinariamente emotivo e duma penetração espiritual que em poucos mais poetas portugueses encontra similar, isto apesar de nada haver mais português do que a sua afectividade. Que é a mulher nos carmes de Mário Beirão? Uma imagem incorpórea, dando razão a Platão, que chamava aos poetas imitadores de fantasmas. E ele cantava, rogava-lhe o amor, oferta-lhe toda a humildade do seu espírito, em que a voz do que é eterno, só andei pelos grandes poetas, encontra um prolongado eco. *A Noite Humana* é uma obra de elevada poesia.

O sr. Armando de Matos, cujas pacientes qualidades de investigador se têm especialmente aplicado no campo da armaria, trouxe agora a lume um opúsculo bem impresso e de

brasões, esquiçando, de passagem, a causa de tamanha difusão desse símbolo entre as nossas famílias de algo.

A reimpressão das *Farpas* prossegue sem grandes pausas. Temos já aqui o sétimo tomo da obra, tomo cujos capítulos, na sua maioria, se ocupam da administração municipal lisboense no que ela implica com a saúde pública, pois se de quando em quando o assunto é outro, logo aquêle volta de novo a prender a pena de Ramalho Ortigão. Na sua prosa sólida, sem farelo de palavras supérfluas, o autor tomou a peito ensinar à gente do seu tempo uma melhor higiene física e mental, incitando-a a que se deixasse da servil adaptação dos hábitos estrangeiros que, seduzindo-a apenas pelo seu verniz elegante, não se conjugavam com a índole portuguesa. Crítica quasi de todo em todo justa, em muitos pontos ela ainda hoje é aplicável aos nossos costumes e processos de administração, pelo que a leitura da obra nos aparece como de duplo proveito: pelo seu mérito literário e pelos seus ensinamentos de carácter social.

O sr. dr. Manuel Pires Bento, que com muita distinção exerce a advocacia em Castelo Branco, entendeu, e entendeu bem, que era do seu dever contribuir para a solução do nosso problema administrativo, tanto mais que há muito esse problema o apertiona e, no desempenho de importantes cargos públicos, tem podido observá-lo nos seus mais delicados aspectos. Com esse louvável fito dedicado, pois, um volume que se intitula *A Questão Municipal*, cujo texto congrega a matéria abundante que sobre o assunto em tempos ficara espalhada numa campanha jornalística. Pelo bem de cada terra, pelo desenvolvimento das suas condições de vida, pela perfeito conjugação dos reciprocos deveres e direitos de cada munícipe, ainda tão mal regulados e definidos, — eis o tema e lema da prestante obra, cujo valor obtém certificado no seguinte período do preâmbulo que lhe concedeu o sr. dr. A. Lino Neto: «Quem quizer abalancar-se com proveito ao estudo e realização duma reforma dos concelhos em Portugal só tem que ganhar com a leitura do presente livro: é um livro honesto, bem pensado e de interesse palpante.»

O *Trabalho Humano*, subscrito pelo sr. dr. João Camoesas, versa igualmente um problema de largo alcance, sendo a sua discussão objecto de congressos internacionais e também duma bibliografia enorme, em cuja produção têm cooperado alguns dos maiores vultos da sciência mundial. Daqui ser fácil concluir o interesse com que lemos o volumoso livro, talvez o mais desenvolvido sobre a matéria que ainda foi impresso entre nós. Em perto de 400 páginas, que o professor M. Atlas prefacia, o autor passa em revista todos os sistemas de trabalho que têm sido expedidos e postos em prática, não se limitando, porém, a explicar conhecimentos alheios, visto que a essa fauna de divulgação acrescenta muitos e muitos frutos da sua observação pessoal; collidos nos meios operários portugueses, caracteristica esta que dá grande relevo à obra. Dez são as gravuras que completam o entendimento do texto, cujas directrizes sociais são as mais modernas e atinentes ao bem-estar colectivo, de forma a obtermos do capital-homem todo o rendimento compatível com a sua capacidade fisiológica, e só esse.

Dois livros que se aparentam, se bem que sejam de diversa autoria e diferentes também as suas estruturas: aparentam-se pelo seu comum pensamento-motriz, sadio, educativo, idealista. Eis os títulos das obras aludidas e dos seus respectivos autores: *Apóstolos*, do sr. capitão Adriano Rodrigues, e *Preocupações*, do sr. Feliciano Soares. Naquela o texto divide-se em duas parte, uma que concebe uma figura, de nome Basílio, e a biografia com minúcia, pondo-a no meio da paisagem transmontana, de levados ares e ingénios costumes, e a outra de arquivo de escritos vários atribuídos a essa imaginária personalidade, escritos que revelam no dito Basílio um carácter de intensa vibração espiritual, um espírito lírico de escol. Nas *Preocupações*, a obra segunda, enfileiram-se muitas crónicas, todas orientadas por idéas nobres,

repassadas de espiritualidade cristã e onde amide aparecem quadros da vida rústica e curiosas impressões de leitura. Em suma, cada qual com a sua feição própria, estes dois livros podem travar-se mutuamente do braço e ficarem em amistososo convívio na mesma estante.

Em *louvor de S. Francisco* é um grosso volume de 250 páginas, esmeradamente editado, com gravuras em *hors-texte*, em que nos aparecem coligidos belísimos trechos literários em prosa e em verso, de homenagem e devoção ao *Poverello de Assis*, cuja figura, pela seus traços poéticos, pela sua candura e pela sua sublime simplicidade, conceita o respeito e o



Mário Beirão

amor não só dos crentes como também dos alheios a qualquer disciplina religiosa. Assim, neste album precioso, encontramos lado a lado escritores confessionalmente católicos e outros que já pública e secretamente têm declarado o seu ateísmo. Escusamos de citar nomes, tão notórias são algumas dessas opostas atitudes perante o problema religioso e porque, afinal, o que importa aqui é assinalar a concordância de todos esses espíritos superiores ao tratar-se de glorificar o «Santo da Pobreza e da Alegria», como lhe chama João Brandão no belo soneto com que colaborou neste florilégio franciscano.

Que os autores escrevam e que os editores editem — eis a regra lógica. Porém, os novos, sobretudo os que pretendem trazer algo de original às letras, encontram quasi sempre as portas dos editores fechadas a sete chaves diante d'elles. E para que não fiquem permanentemente incógnitos, tem por fim de editemos eles próprios os seus livros. E o caso da Sociedade Contemporânea de Autores há pouco formada entre nós e destinada a publicar literatura moderna, de processos novos e nova concepção. A actividade deste grupo iniciou-se, porém, com uma obra estrangeira, *Jerónimo a 60.ª latitude Norte*, de Maurício Bedel, que alcançou o Prémio Goncourt deste ano, e iniciou-se assim porque um atraso de tipografia obstou a que rompesse com um original português, como de preferência devia e queria. Se bem que não se trate dum romance perfeito (onde está a perfeição?), a sua leitura é muito agradável. É uma obra viva, faullhante de graça bem franceza e escrito com simgeleza. A sua publicação pela Sociedade Contemporânea de Autores justifica-se, pois, e o público não deve regatear-lhe um bom acolhimento.

Tentámenes de mais modesto vulto, alguns temos a mencionar: *Por amor de Columba*, fantasia dramática assinada pelo sr. Horácio de Castro Guimarães, que nela evidencia aptidões para o diálogo; *Quadros da Guerra e da Paz*, do sr. Aires Torres de Carvalho, com três sonetos de intenção patriótica; *A Venus Multilada*, do sr. Joaquim Rezende Borges, que, confirmando os dotes já demonstrados em *Os Penitentes*, sua obra de estreia, no presente poemeto borda uma curiosa lenda sobre a estátua de Venus sem braços encontrada em Milo há um século; e, finalmente, por hoje, um voluminho de *Quadras Soltas*, do sr. Heitor de Figueiredo, onde, entre muitas banalidades, encontramos meia dúzia de trovas felizes e bem sonantes de ironia, com cravos rubros assozados insolitamente em maninho campo de urtigas.

CÉSAR DE FRIAS.



Oliva Guerra

edição limitada que encerra um valioso estudo sobre *A Flor de Liz na Heráldica Portuguesa*. Depois de provar que a flor de liz é um símbolo de nobreza muito mais antigo do que em geral se supõe, vindo já talvez do século IX e sendo, portanto, bem anterior à época do seu uso com insígnia privativa dos monarcas de França, e de esclarecer também que a sua imagem é, afinal, a estilização da flor de liz que brota nos nossos jardins, o autor termina o trabalho pela longa relação dos apelidos do nobiliário português que a ostentam em seus

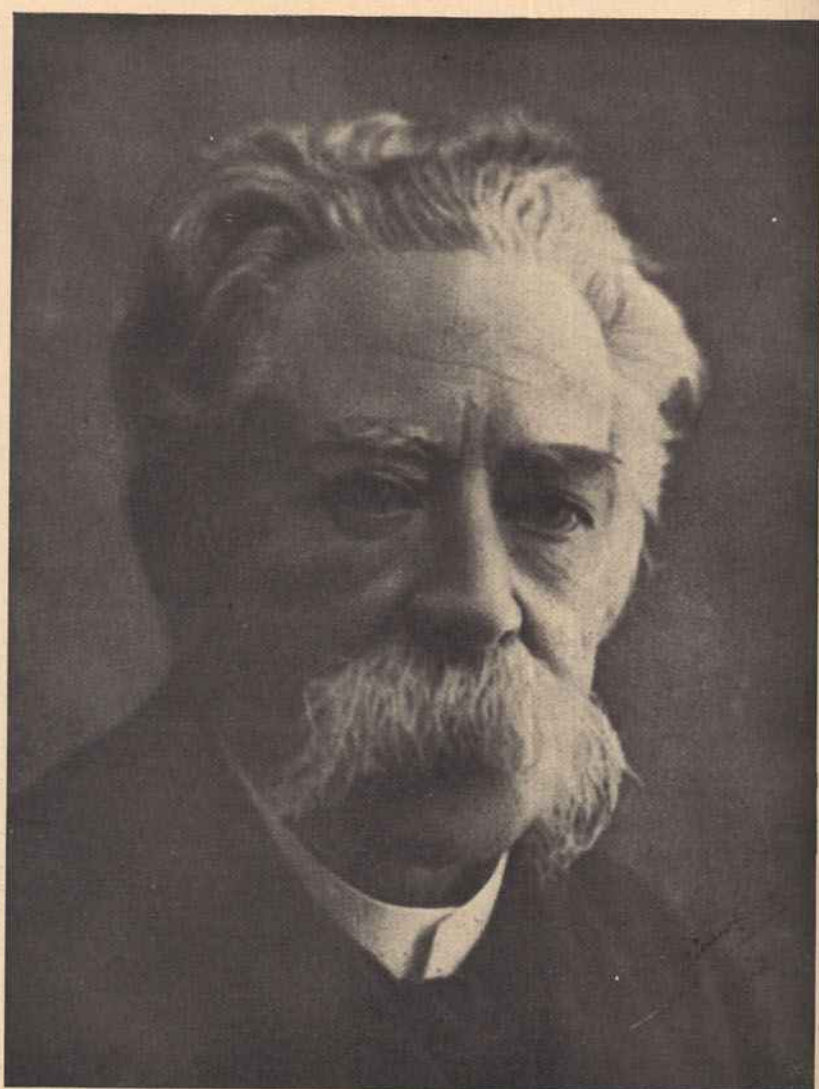
O PROFESSOR JÚLIO HENRIQUES

A última morada deste homem não devia ser um jazigo de família, com os seus carneiros de mogno, as suas agulhas góticas ou edículas da Renascença, os seus vidros de vidro-céiro esverdeados ou roxos, que parecem uma macabra e impertinente alegoria da carne a decompôr-se, — mas o chão raso e vazio de uma alameda, debaixo de árvores, no mesmo húmus onde se enterram os bolbos das açucenas e sobre o qual as surriadas de passarinhos vêm saltitar naturalmente. Porque a vida de Júlio Henriques foi uma poesia ao ar livre, e a seiva moral de que se nutriu tão viva e circulante como a das plantas de grande porte.

Para homens como este devia interrogar-se, com efeito, a lei da inumação. Fogem à quadrícula dos cemitérios, e, com não têm arquitetura para os Jerónimos, voluntariamente diminuídos em seus dotes de universalidade, parece que só pedem sombra, silêncio, espessura, qualquer coisa que lembre um esquecimento absorto nas maravilhas da criação.

Há de haver quem ache no fundo das minhas palavras um mau sabor pantefista, um fitomorfismo dissolvente, onde se afogam valores espirituais destinados à salvação. Bem sei que o espírito não morre, bem sei... Mas porque não vê-lo às vezes, quando animou um homem como o Prof. Júlio Henriques, enleado às coisas que esse homem amou e serviu, penetrado do vulto que tais coisas, ainda depois da morte de seu amigo e senhor, põem na face do universo tão perscrutada pelos olhos que estão agora com Deus?

É a terceira vez que me ocupo desta figura em tom de necrológio. Porque sou professor ou botânico, pedagogo ou naturalista? Longe disso. Só porque, espectador e comparsa da vida cultural da Universidade de Coimbra, tenho a filiação de supor que me apercebo do significado geral da obra de Júlio Henriques. Não vem, pois, para aqui, o seu valor de sábio, ou seja o peso da sua contribuição para a investigação científica em Portugal. Mas não é preciso ter olhos de especialista para ver como os institutos a seu cargo conseguiram ser dos mais vivos, senão os mais vivos, rasgados e eficientes da nossa velha *alma mater*. O Jardim Botânico, dirigido por ele desde 1874, tornou-se um centro da mais larga irradiação especulativa e experimental. Vinha de trás a iniciativa, é certo. Já em 1791, am-



parado pelo Reitor D. Francisco de Lemos, Brotero o fazia sair da estreiteza a que o Marquês de Pombal o condenara de nascença circunscrivendo os seus canteiros à flora medicinal.

Mas — diz o ilustre Prof. Dr. Ferraz de Carvalho — até 1860 o Jardim arrastou uma vida miserável. Auxiliado pelo Dr. Welvitsch e pelos opulentos açoranos José do Canto, António Borges, Jácome Correia e Ernesto do Canto, é o Dr. Júlio Henriques quem manda plantar espécies raras, de aclimação e ornamentação, destinadas à flora industrial das colónias, como as *quinás* e as árvores da borracha, e à arborização urbana e climatérica, como tantos e tantos troncos espalhados pelo país.

Mas isto não passa de uma nódoa. Quem quiser conhecer a extensão da obra de Júlio Henriques como organizador de ensino público tem de ir às fontes autênticas, — aos trabalhos dos seus discípulos, como os Profs. Luís Carrisso, Gonçalo Sampaio e Aurélio Quintanilha. Demais, não é em artigos da *Ilustração* que se julgam os homens seve-

ros, que nunca escreveram de ânimo leve — e em tanto papel *couché*... Não, Júlio Henriques nunca dispôs, para os seus trabalhos originaes, do sumptuoso papel *ou va le carnet mondain, ou va la feuille perdue*... Foi quasi com constancias que ergueu os trinta e tantos volumes do seu *Boletim da Sociedade Brotariana*, a humilde moeda que ele, numa espécie de novo milagre das rosas, transformou nos 3.000 volumes da Bibliotheca do Jardim.

Diz-se que, nas vésperas do corte duma árvore, Júlio Henriques ia despedir-se dela. Talvez a abraçasse. Algumas eram testemunhas da reforma pombalina; outras criadas-elle, regando-as com a imensa ternura dos seus olhos ingénuos e azuis. Este hábito faz moessa; depois, o rodar dos anos é capaz de dar a estes homens a força e a paz dos lenhos gigantescos.

Nos últimos tempos, o coração de Júlio Henriques batia com o ritmo dum passarinho. E assim se foi, quando no roble secular que o abrigava chegou a vez de cair...

VITORINO NEMÉSIO.

UM ARTISTA DE DESTAQUE O PINTOR BEMVINDO CEIA



Bemvindo Ceia

As artes decorativas veem, desde remotas eras, acompanhando as grandes manifestações do engenho humano, em simbolizações esentísticas e pictóricas, adornando externamente as fachadas dos edifícios ou ornando os tetos e paredes dos salões dos palácios, dos templos e das academias, guarnecendo monumentos fixos ou móveis, em tapeçarias e outras manifestações de graça e de movimento.

Assim, prestando homenagem ao saber e ao talento alheios, não deixam essas artes igualmente de perpetuar o génio artístico de quem as concebem e executam.

O fim dos decoradores em geral, não é o de criar obras de arte isoladas, mas o de reunir, estilizando, tudo quanto a pródigo natureza em torno deles põe, tudo aquilo que os entusiasma, ferindo-lhes o olhar, acariciando-lhes o ouvido. E é, prestando vassalagem a essa excelsa artista que é a mestra do contorno, da luz, da cor, das sombras e do som, que perpetuam ao mesmo tempo o génio da humanidade.

Entre nós, em geral, não tem existido decoradores propriamente ditos, isto é, especialistas nos processos de assimilações artísticas; mas pintores ou esultores que, em dado momento, quando as circunstâncias a isso os chamam, largam a tela ou a argila plástica, deixam de dedicar-se a um quadro de costumes, a uma composição histórica, a uma estátua, a um busto, entregando-se exclusivamente à pintura ou ao relevo de um friso; a uma alegoria, um trofeu ou a qualquer outro conjunto alusivo ao assunto que lhes é cometido.

Nos últimos tempos alguns artistas, porém, vão dedicando-se quasi exclusivamente à pintura decorativa, dando boa conta do seu esforço e competência os edifícios públicos e particulares que tem sido decorados não só na capital como em vários pontos do país.

E porque nos propomos vizar um que dentre eles se destaca brilhantemente, só dele nos occuparemos, reservando para ocasião oportuna outros também dignos da nossa admiração e da de todos os que se occupam de assuntos de arte em geral e de artes decorativas em particular.

Queremos referir-nos ao distinto artista Bemvindo Ceia, que desde os 12 anos estuda, tendo ingressado na Escola Pradesso da Silveira, da qual era professor e director Manuel Rodrigues Pinto, um artista de renome que fez parte do famoso «Grupo do Leão».

Amigos que o observavam de perto, acompanhando-o nos progressos de que dava mostras e entre os quais se destacam o sr. Manuel Rosado, homem cheio de variadas aptidões, começaram a influir no ânimo de seu pai para que o fizesse cursar a Escola de Belas Artes de Lisboa, ao que accedem. Uma vez ali matriculado, tendo como professores, entre outros, os mestres Simões de Almeida e Silva Porto, estudou com afinco e obteve durante o curso geral de desenho várias distinções e medallas.

Concluidos esses estudos preliminares, matriculou-se no curso geral de pintura histórica, tendo como professores José António Ferreira Chaves, e a seguir Veloso Salgado, que acabava então de regressar de Paris, onde merecidamente conquistara os mais assinalados triumphos. Com elle concluiu o curso, sendo aprovado com distincção, dando provas de que bem a mereceu o seu quadro, que ficou sendo propriedade do Museu da Escola, «Cristo sobre as águas».

Bemvindo Ceia tem feito várias viagens em missão de estudo a Madrid, Paris, Bruxelas, Antuerpia, Bruges, Amsterdão e outros centros de arte, conservando-se por bastante tempo na capital de França.

Dedicando-se, desde que findou o seu curso, muito especialmente à pintura decorativa, para a qual em cada trabalho vai accentuando progressos, pouco tempo lhe sobra para produzir trabalhos de exposições, tão grande é a affluencia dos que constituem a sua especialização.

A pesar de assoberbado com obras ornamentais, uma vez por outra concorre com quadros, sempre bem acolhidos pelos seus colegas, pelos amadores, pela critica e até pelo Conselho de Arte e Arqueologia, que, como se sabe, indica as compras que o Estado deve fazer para os nossos Museus.

Entre os quadros de Bemvindo Ceia devemos destacar o que no ano findo foi inaugurado na Sala dos Passos Perdidos, no Palácio do Congresso, e que representa Viriato vigiando do alto das serranias da Beira as manobras da Legião Romana, inspirado na estrofe camoneana que diz: «fiste que vês,

pastor já foi de gado...» É um primor de concepção, de cor, de movimento, uma tela, enfim.

Dos inúmeros e magníficos trabalhos que tem sido produzidos pelo ilustre artista, devem ser destacadas as pinturas decorativas da Sala dos Passos Perdidos do Congresso, Sala das Comissões da Câmara Municipal de Lisboa, do Teatro Circo, de Braga; do Teatro Bernardim Ribeiro, de Extremoz; do grande salão de baile do Monumental Club; do salão de festas do Casino de Sintra; do palácio Pialho, em Faro; nas casas dos srs. Abel Pereira da Fonseca, Garcia da Silva, dr. António Costa, em Niza; Marques



VIRIATO—Painel de Bemvindo Ceia

de Sá, no Porto, e muitas outras. Ainda outras obras atestadoras da indiscutível competência e privilegiado talento de Bemvindo Ceia deixamos de mencionar, por não podermos obter de tão distinto quanto modesto artista, relação completa de tudo o que deixa perpetuado nos tetos e paredes dos edificios que tem sido encarregado de animar com o seu engenho invulgar, a sua paleta bem temperada, os seus pinceis mágicos, os seus toques magistraes.

VIDA CIENTÍFICA

CRISTAIS DE NEVE

Por evaporação das suas soluções ou por vários outros processos, grande número de substâncias tomam formas regulares a que chamamos cristais. O conhecimento dessas formas é necessário para muitos profissionais, não constituindo somente, portanto, uma curiosidade científica. Algumas substâncias cristalizam sob várias formas, con-

forme as condições em que se realiza essa cristalização. Substâncias muito semelhantes quimicamente e tendo nos organismos a mesma função, cristalizam diversamente conforme a espécie animal de onde provêm; é o caso, por exemplo, da hemoglobina do sangue. As vezes, e é este o caso dos cristais de neve, apresentam-se formas muito varia-

das e de aspecto particularmente interessante.

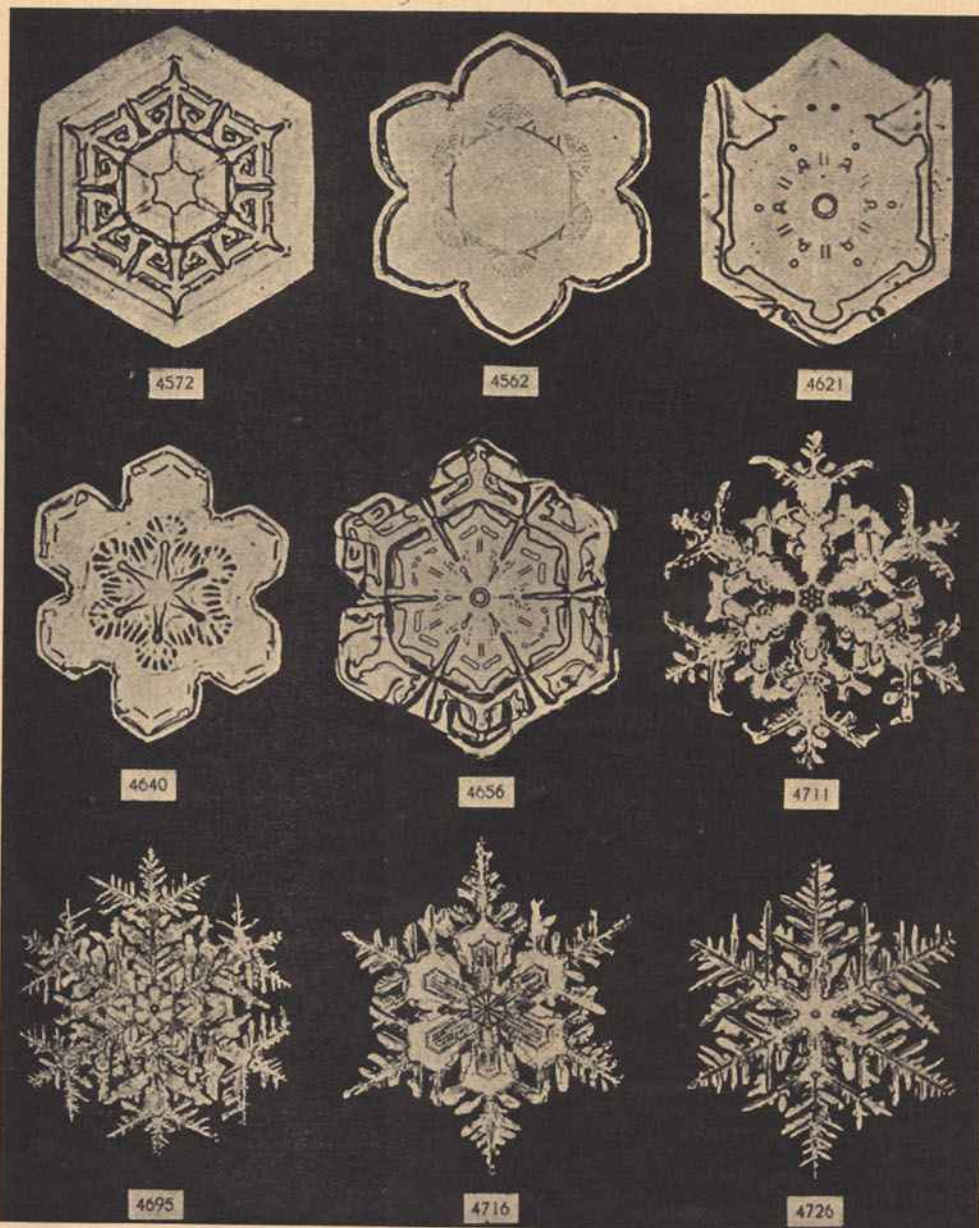
Não se podem guardar, como bem se compreende, os cristais de neve, de modo que se recorre à fotografia para conservar a documentação do aspecto que revestiam. Um americano, o sr. Bentley, de Jericho, em Vermont, possui hoje uma coleção de cerca de 4700 dessas fotografias, para cuja constitu-

ção trabalhou durante os últimos quarenta anos.

Nos exemplares que a gravura junta reproduz há, sobretudo, a distinguir, como particularmente interessantes, os números 4572, 4592 e 4621, segundo a autorizada opinião do próprio sr. Bentley, expressa num artigo da *Monthly Weather Review*. O 4572 é um bonito cristal em relevo observado durante a tempestade de 1 de Janeiro de 1927. Os dois outros, um notável pelo desenho regular em pontos, o outro pelo seu aspecto de relógio, foram fotografados por ocasião de uma queda de neve a 17 do mesmo mês e ano.

Nos seus trabalhos de colecionador, o sr. Bentley tem observado anos favoráveis e anos estérteis. O inverno de 1926-1927, bem como o período de 1916 a 1920 foram de colheita excelente. De 1912 a 1915 e de 1920 a 1926 correram anos de má colheita. Mais para trás podem considerar-se anos bons os de 1902, 1904, 1907, 1910 e 1911, e maus os de 1905, 1906 e 1909.

F. MIRA.





ATLANTIDA

ROMANCE

(Romance votado no concurso do *Magazine Bertrand* e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)

de PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

CAPITULO XV

LAMENTAÇÕES DE TANIT-ZERGA

— Arraú, Arraú.

Acordei vagamente do sono em que dormitava. Abri os olhos e dei um pulo para traz.

— Arraú.

A dois palmos da minha cara, estava o focinho amarelo, manchado de preto, de Hiram-rei. O logo-tigre assistia ao meu acordar, mas parece que isso não o divertia muito, porque bocejava; a goela, de um vermelho escuro, onde brilhavam as presas brancas, abria-se e fechava-se preguiçosamente.

Ouvi uma gargalhada.

Era Tanit-Zerga. Estava sentada numa almofada ao pé do sofá em que eu dormia, e examinava com curiosidade a maneira como en e o lobo-tigre nos fitávamos mutuamente.

— O Hiram-Rei estava aborrecido — explicou ela — Trouxe-o para aqui.

— Muito bem. Mas éle não podia ir aborrecer-se para outro sitio?

— Coitado. Está sózinho. Mandaram-no embora por éle fazer barulho com as suas brincadeiras.

Vieram-me à idéa os acontecimentos da véspera.

— Se queres, mando-o embora — disse Tanit-Zerga.

— Deixa.

A desgraça comum atraia-me para o lobo-tigre. Cheguei a fazer-lhe festas na cabeça arqueada. Hiram-Rei, contentíssimo, estendeu-se ao comprido e meteu as garras de ambar na esteira do chão.

— E também aqui está Galé — disse a pequena.

— Galé! Que é isso?

Vi no colo de Tanit-Zerga um animal exquisito, do tamanho de um gato grande, orelhas chatas, nariz comprido e a pele cinzenta clara enrugada.

— É a minha mangusta.

— Olha lá — disse eu com máo modo — não tens mais bichos?

Tão rabugento e ridículo devia ser o meu aspecto que Tanit-Zerga se pôs a rir. Ri-me também.

— Galé é a minha amiga — disse-me ela depois de se pôr séria.

— Eu é que a salvei quando ela era pequenina. Hei-de contar-te isso outra vez. Olha como ela é gentil.

E pôs-me a mangusta nos joelhos.

— É muito bonito da tua parte, Tanit-Zerga, teres-me vindo visitar — disse eu passando a mão devagar pelo dorso do animal. — Que horas são?

— Pouco mais de nove horas. O sol já vai alto. Deixa-me baixar a cortina.

O quarto encheu-se de sombra. Os olhos de Galé fizeram-se mais cor de rosa, e os de Hiram-Rei verdes.

— É muito bonito — continuei. — Vejo que hoje estás livre. Nunca tinhas cá vindo tão cedo.

Passou uma sombra pelo olhar da rapariga.

— Livre, realmente, — disse ela quasi com dureza.

Examinei-a com atenção, e pela primeira vez reparei que era bonita. O cabelo que usava caído, era mais ondeado que encarrilhado. As feições tinham notável pureza de linhas. Nariz direito, lábios finos, queixo voluntarioso. A pele era acobreada e não preta. E o corpo elegante e ágil não tinha nada de comum com a gordura enchonçada das pretas que se tratam bem.

Trazia uma grande corrente de cobre em volta da cabeça e mais quatro, ainda mais largas, nas pernas e braços. Vestia uma túnica de seda verde, decotada em bico, decorada a ouro. Verde, bronze, ouro.

— És Sourhai, Tanit-Zerga? — perguntei suavemente.

Ela respondeu com áspera altivez:

— Sou Sourhai.

— Singular pequenita — pensei.

Era visível que havia um ponto em que Tanit-Zerga não queria falar. Lembrei-me da expressão quasi dolorosa com que ela dissera de Hiram-Rei: *mandaram-no* embora.

— Sou Sourhai — repetiu. — Nasci em Gão, ao pé de Niger, meu país reinaram no antigo império mandinga. Não me deves desprezar por me veres aqui como escrava.

Numa luzerna de sol, Galé cofiava os peles do focinho com as patas da frente. Hiram-Rei dormia, rosnando doadamente de vez em quando.

— Está a sonhar — disse Tanit-Zerga, pondo um dedo na boca.

— Só os jaguares é que sonham — disse eu.

— Os lobos-tigres também sonham — respondeu-ea gravemente, sem perceber o sal desta alusão parnasiana.

Houve um momento de silêncio. Depois ella disse:

— Deves ter fome. Parece-me que gostas de comer com os outros.

Não respondi.

— Olha se queres, vou buscar comida para ti e para mim. Trago também o jantar do Hiram-Rei e da Galé. Quando se está triste, não é bom estar sózinho.

E a fadazinha verde e dourada saiu sem esperar resposta.

Assim começaram as minhas relações com

Como se explica então esta atracção, esta febre, êste sacrificio de todo o meu ser? Como é que eu, para apertar um instante ao peito aquele pálido fantasma, estou pronto a coisas que nem me atrevo a imaginar, para não sentir horror? Aqui está o número 53, o último. O 54 será Morhange. O 55 serei eu. Daqui a seis, daqui a oito meses, talvez — segundo é de esperar hão de meter-me neste nicho, simulacro sem olhos, alma morta, corpo saciado. Vou chegando ao extremo da felicidade, à exaltação que se analisa. Que figura de criança fiz há pouco! Queixar-me diante de uma velha preta! Palavra que estava com ciúmes de Morhange! Portanto não terei também ciúmes de todos que já passaram, e dos que hão de vir, um a um, encher êstes nichos vazios?! Sei que a esta hora Morhange está com Antinea e sinto uma alegria esplêndida e dolorosa em pensar na dêle. Mas dentro de três ou quatro meses, os embalsamadores hão de vir aqui, e o nicho 54 ficará cheio. Então um targui branco chegar-se-há a mim, bater-me-há no braço; e eu estremeçerei num extasi magnífico: Chegará a minha vez de entrar na eternidade pela porta sangrenta do amor.

Quando, tendo saído da minha meditação me encontrei outra vez na biblioteca, a escuridão da morte que safa, confundia as sombras das pessoas que lá estavam. Consegui reconhecer o sr. Le Mesge, o pastor, o hétman, Aguida, dois tuaregues brancos e outros a falarem animadamente. Aproximei-me admirado de ver juntas e em tão animada conversa pessoas que não sympathisavam nada umas com as outras.

Acabava de acontecer uma coisa espantosa que punha fóra de si toda a gente da montanha; era uma verdadeira revolução.

Haviam dado sinal de que tinham sido vistos a oeste, no Adrar Ahnet, dois exploradores espanhols. Cegheir-ben-Cheikh preparava-se immediatamente para os ir buscar, mas recebera ordem para não partir.

Era impossível duvidar: Antinea amava pela primeira vez.

Tanit-Zerga. Todas as manhãs vinha para o meu quarto com os dois animais. Raras vezes falava de Antínea e sempre de maneira indirecta. A pergunta que constantemente sentia estar para me sair dos lábios parecia ser-lhe intolerável, e eu via-a fugir a todos os assuntos para que eu pretendia levar a conversação.

Para evitar perguntas, falava ela sem descanço.

Estive doente e nunca ninguém teve cuidados mais mimosos do que os daquela irmã de caridade de seda verde e de bronze. Os dois animais ferozes ficavam aos lados da minha cama, e durante o delírio em via fixas em mim as suas pupilas tristes e misteriosas.

Tanit-Zerga, com a sua voz cantante, contava-me lindas histórias, entre elas a que considerava mais bonita de todas — a história da sua vida. Só depois compreendi, de chofre, até que ponto aquela pequenita bárbara tinha passado a fazer parte da minha vida. Onde quer que estejas agora, queridinha, onde quer que seja a margem tranqüilla de onde assistes à minha tragédia, deita um olhar para o teu amigo, e perdoa-lhe não te ter dado toda a tenção que merecias.

— Conservo dos meus anos de infância — dizia ela — a imagem do sol novo e cor de rosa que subia no meio da neblina da manhã, por cima dum rio muito grande com ondas direitas e largas, o rio que tem água, o Niger. Era... Tu não estás a ouvir.

— Estou, juro-te, Tanit-Zerga.

— Sério? Não estou a aborrecer-te? Quer que eu conte?

— Conta conta...

— Então ouve: eu brincava com as minhas companheiras, de quem gostava muito, à borda do rio que tem água, debaixo das afofeieiras, irmãs do Zeg-zeg, de que fizeram a coroa de espinhos do vosso profeta, e a que nós chamamos árvore do paraíso, porque é debaixo dela que os eleitos hão de viver no céu, e que às vezes é tão grande, tão grande, que um cavaleiro não pode atravessar num século a sombra que ela dá.

Fazíamos grinaldas das mimosas, com as flores rosadas da alcaparra e com as da nigelas, e deitávamo-las ao rio para conjurar o mau olhado, e riamos a perder, quando aparecia um hippopotamo redondo a fungar, e nós lhe atirávamos coisas até o fazermos mergulhar outra vez, numa onda de espuma.

Isto era de manhã. Em seguida cala sobre Gão a hora morta da sesta vermelha. Passa-la ela, tornávamos para o rio para ver os enormes cadáveres blindados no meio de arvencos de mosquitos e efêmeros levantar-se devagarinho das margens e meter-se traçoavelmente pelas lamas amarelas dos braços do rio. Atirávamos-lhes coisas como aos hippopotamos, e fazíamos-lhe uma festa ao sol que começava a desaparecer atrás dos duduales: armávamos uma roda, e batendo com os pés e com as mãos, cantávamos o lino sorrui.

Mas não levávamos o tempo só a brincar. E se tu quizeres, vou contar-te como salvéi um oficial francês, que devia ser muito mais que tu, a avaihar pela quantidade de fitas douradas que trazia na manga branca.

— Conta lá, Tanit-Zerga — dizia eu, a pensar noutra coisa.

— Fazes mal em sorrir, continuava ela um pouco ofendida — e eu não dares mais aten-

ção. Mas deixá-lo! É por meu gosto que eu conto estas coisas, de que me lembro sempre. — A cima de Gão, o Niger faz um cotovelo, e entra pelo rio uma pequena ponta de terra com enormes árvores de borracha. Era uma tarde de Agosto, e o sol ia morrer, pois que todos os pássaros estavam empoleirados nas árvores, sem bulir, para alfiar até o dia seguinte. De repente, ouvimos para oeste um barulho que não sabíamos de que era. *Bum-bum, bum-barabum, bum-bum*, que se sentia cada vez mais, *bum-bum, bum-bumbarabum*, e, bruscamente, foi uma revoadia extraordinária de aves aquáticas, garças, pelicanos, patos, cercetas, que se dispersavam por cima dos gomeiros logo seguida duma columna de fumo negro muito levemente curvada pela brisa que se levantava.

«Era uma canhoneira que dobrava a ponta fazendo dum lado e de outro grandes remoinhos, que saediam as moitas de ramos pendentes. Atrás pendia para a água a bandeira azul, branca e encarnada.

«A canhoneira-abordou ao molhe de madeira. Deitou à água uma chadupa com dois soldados pretos que remavam, e três oficiais que daí a pouco saltavam em terra.

«O mais velho, um *marabuto* francês que falava muito bem a nossa língua, disse que queria falar ao Cheikh Sonni-Azkiá. Meu pai aproximou-se e ele contou-lhe que o comandante do círculo de Tombuctu estava muito zangado porque a canhoneira, a uma milha de distância dali, tinha batido num dique invisível de estacas e apanhado tais avarias que não podia seguir viagem para Ansango, sem concerto.

«Meu pai respondeu-lhe que os francezes, protectores dos pobres sedentários contra os tuaregues, eram sempre bem-vindos. E que o dique de estacas não tinha ali sido posto por mal, mas para apanhar peixe. Os recursos de Gão estavam todos à disposição dos officiaes para fazer as reparações inclusivé uma forja.

«Enquanto elles estavam a conversar, o comandante francês estava a olhar para mim e eu para elle. Era homem de idade, de ombros largos um pouco arqueados e uns olhos tão azuis como a água da fonte do meu nome.

«— Anda cá, pequenita — chamou elle com meiguice.

Mas eu, vexada com tamanho atrevimento, respondi:

«— Sou filha do Cheikh Sonni-Azkiá e só faço o que eu quero.

Ele sorriu:

— Tens razão, porque és muito bonita. Queres dar-me as flores que tens ao pescoço?

«Era um grande colar de hibiscos encarnados. Dei-lho, e elle deu-me um beijo. Estavam feitas as pazes.

«No entanto os soldados pretos e os homens mais fortes da tribo sob a direcção de meu pai, tinham levado a canhoneira, a reboque para uma enseada.

— Temos trabalho para amanhã todo o dia meu coronel — disse o mecânico. — Só nos podem ir embora depois de amanhã, de manhã. E é preciso que esses mandriões dos soldados pretos se não furtem ao trabalho.

«— Que maçada! — resmungou o meu novo amigo!

«Mas eu e as minhas amigas tanto fizemos que lhe passou o mau humor. Cantá-

mos-lhe as cantigas mais bonitas, e, elle, para nos agradecer, deu-nos muitas coisas boas que tinham trazido do barco para o jantar d'ele. Meu pai cedeu-lhe a cabana grande para elle dormir, e eu, através das ripas da minha, antes de adormecer com a minha mãe, estive muito tempo a olhar para o farol da canhoneira, cuja luz tremulava em reflexos vermelhos na água escura.

«Nessa noite tive um sonho que me apavorou. Vi o meu amigo, o official francês a dormir sossegadamente, e pairando sobre a cabeça dele um grande corvo negro que se pôs a crucitar: *Cráá, cráá*, a sombra dos gomeiros de Gão — *cráá, cráá*, não valerá de nada a noite que vem — *cráá, cráá*, ao chefe branco e à sua escolta.

«Mal rompia a aurora, fui ter com os soldados pretos que deviam concertar a canhoneira e que aproveitavam o sono dos brancos para não fazerem nada. Fui directa ao mais velho, e disse-lhe com autoridade:

«— Ouve: esta noite vi o corvo negro em sonhos. E elle disse-me que a sombra das árvores de Gão seria fatal na noite que vem para o vosso chefe.

«E como elles ficassem imóveis, de olhos no céu, parecendo que nem sequer tinham ouvido, acrecentei:

«— E à sua escolta.

«Ino sol na maior altura e o coronel entrava na cabana para comer, e com os outros francezes, quando entrou o mecânico.

«— Não sei que deu nos pretos. Trabalharam como uns anjos. Se assim continuarem podem-nos ir embora esta noite.

«— Contanto que a pressa não deixe o trabalho mal feito. Não precisamos de chegar a Ansango antes do fim da semana. Vale mais sair de dia.

«Estremeci. Fui para junto d'ele, e, numa súplica, contei-lhe o sonho. Ele ouviu com um sorriso de admiração, e disse-me gravemente:

«— Está bem, Tanit-Zerga; vamos embora esta noite, visto que assim o queres. E beijos-me.

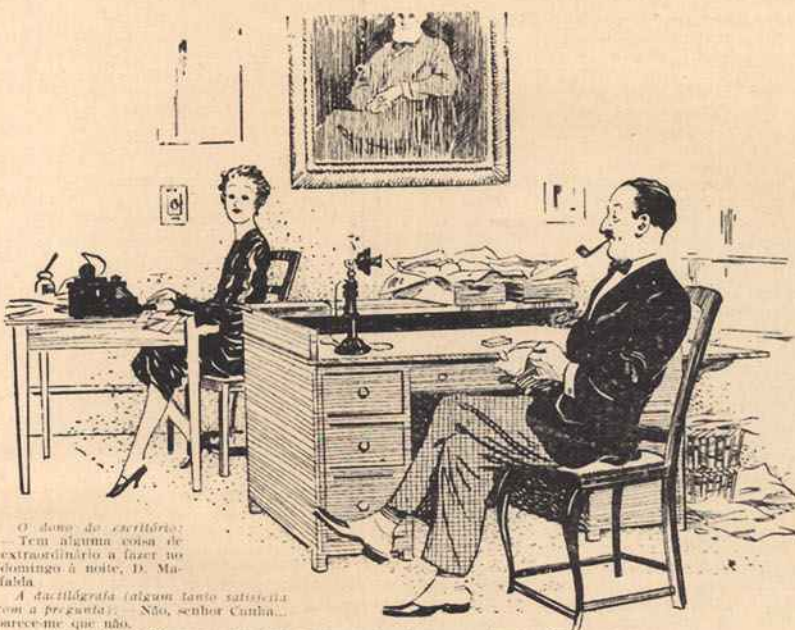
«Era noite quando a canhoneira saía da enseada. O meu amigo e os outros francezes disseram-nos adeus com os capacetes enquanto nos avistaram; e eu fiquei sózinha no molhe vacilante a ver correr o dia, *baum-barabum*, até que o barulho do barco do fumo se perden na noite.

Tanit-Zerga parou um instante.

«— Foi a última noite de Gão. Quando eu dormia e a lua ia alta na floresta, ouviu-se uivar um cão. E em seguida foram uivos de homens e depois de mulheres, gritos daqueles que, uma vez ouvidos nunca mais se esquecem. Quando o sol nasceu encontraram a correr nua, com as minhas companheiras, a tropeçar, em direcção ao norte, atrás dos camelos em que iam os tuaregues que nos levavam. As mulheres da tribo iam atrás, duas a duas, presas pelo pescoço. Entre elas ia minha mãe. Poucos homens; a maior parte, como meu pai, o valente Sonni-Aekia tinham ficado degolados, debaixo dos escombros dos colmados de Gão, mais uma vez destruída por um bando de Auclimiden que vinham matar os francezes da canhoneira.

(Continua)

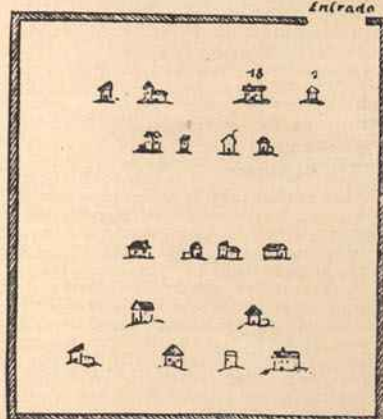
Passatempo



O dono do escritório: — Tem alguma coisa de extraordinário a fazer no domingo à noite, D. Marfala?
 A dactilógrafa (alguém tanto satisfeita com a pergunta): — Não, senhor Cunha... parece-me que não.
 O Cunha: — Belo! Nesse caso não terá nenhuma desculpa para chegar tarde na segunda-feira de manhã, não é verdade?

QUEBRA-CABEÇAS

Em um parque, fechado por um muro contínuo, e com uma entrada única, há 18 chalets, distribuídos pela forma indicada na gravura. Há quem aposte em como baterá às



portas de todos eles, sem passar duas vezes pela mesma porta, e sem seguir nunca caminho horizontal, isto é, no sentido da direita para a esquerda, ou vice-versa. Serão capazes de ganhar a aposta?



Uma senhora foi visitar uma amiga, e na ausência da dona da casa, mandaram-na entrar na sala para desejar. Como os móveis estivessem muito empoeirados, a visitante es-

creveu com o dedo no pó, por cima do piano, das mesas, de todos os móveis, enfim: Porca, Porca, Porca — e retirou-se sem dizer o seu nome.

Regressando a dona da casa e conhecendo pelos sinais a travessa amiga, apressou-se a telefonar-lhe: — Tive muita pena, já sei que estiveste cá.

— Ora essa! Quem to disse?

— Então não me deixaste a sala cheia dos teus bilhetes de visita?



Ela: — Você importa-se que eu fume?

Ele: — Pelo contrario, gosto até muito do cheiro. Todas as minhas irmãs fumam.



Vejam lá se encontram os quatro ciclistas escondidos

QUESTÃO DE TEMPO

O velho doutor Sanches era, para dizer a verdade, um bocado vaidoso. Não porque tivesse muita razão para o ser. Tinha, por exemplo, o nariz bastante avermelhado e a cor da pele também no mesmo tom. Mas, não obstante, o doutor julgava-se atraente e então, com relação ao belo sexo, considerava-se mesmo apto a rivalisar com qualquer D. Juan.

— Viste, meu caro — exclamou ele triunfantemente para um amigo com quem andava uma manhã passeando — viste o sorriso daquela rapariga tão interessante, quando passou por mim?

— Ah! não merece a pena ralares-te por isso — respondeu o amigo em tom de consolação. Eu, a primeira vez que te vi fartei-me de rir, mas dentro em pouco costumei-me à tua cara.



OS SEIS PALITOS

(Solução)



É muito fácil a resolução deste problema, e basta ver a gravura para se compreender sem necessidade de mais explicações.



O pai: — Então, o que achas à tua nova namada, Clarinha?

Clarinha (7 anos): — Olhe, papá, se a aceitou como nova, acho que o enganaram.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM MAIO DE 1928

TRISTAN DERÈME



Tristan Derème, cuja última obra *Le Zodiaque ou les Étoiles de Paris* foi recomendada pelo Comité Sequana, acaba de ser distinguido com o prémio François-Arétique, Grand-Prix de Poésie, no valor de 10,000 francos, tendo em vista, especialmente, o seu volume *Le Livre de Clymène*. A sua obra, da qual citamos, como produções mais representativas do talento de Derème, *La verdure dorée* e *Le Quatorze-Juillet ou Petit art de rimer quand on manque de rimes*, oferece estas características: é risonha, agradável, ligeira, se bem que erudita por vezes, e, sobretudo, estabelecendo perfeito equilíbrio entre a forma e a essência. Derème não se perde nas nuances, não bate no peito com ar beató, não descreve por mero sistema as desolações mais ou menos sinceras duma consciência. Há nos seus versos o que encanta os olhos e o ouvido, e há também o que fala ao espírito. A sua alacridade é bem a do génio francês e fâmalis o seu estilo sonoro degenera no tom enfático, tão censurável em Kipling e outros poetas.

LIVROS RECENTES

La Caravane sans chameaux, por Roland Dorgèles. Livro de reportagem romantizada, livro cheio de imagens, de lembranças e de figuras muito impressionantes. Escrito num estilo vivo, encerra uma boa série de documentos de primeira ordem e talvez mesmo em primeira mão. O autor descreve-nos nestas páginas peripécias muito curiosas e scenários poucas vezes pintados: as cidades maometanas, os Lugares-Santos, o deserto fulvo, etc. 12 fr.

Tlénuse, por Maxime Formont. Romance duma mulher que ambiciona extrair da vida todas as alegrias, toda a beleza. 12 fr.

Reine d'Arviens, por Jean Balde. Outro romance, este de ambiente provinciano. Luz epicuriana a banhar as figuras. O drama da honestade, que alcança a vitória, para consolo dos espíritos normais. 12 fr.

L'itinéraire philosophique de Maurice Blondel, pensamentos coligidos por Frédéric Lefèvre. Páginas luminosas que evocam, por vezes, pela intensidade de ideias, a *Phédre*, de Platão. Tiragem limitada a 3,000 exemplares. 18 fr.

En Croix, por André Harlaire. Testemunho do qual do scenão deixado em herança pela última grande guerra. Neste romance mostra-nos o autor a miséria de certos rapazes sem fé e sem disciplina, vivendo numa atmosfera de anarquia moral e intelectual. Com uma cruel e penetrante emoção, reproduz-se nestas páginas o lúcido desgosto que um dia invade esses seres fracos que tão fortes se supunham. Assunto, como se vê, de bastante actualidade. Pertence a obra à colecção *Le Roseau d'Or*. 18 fr.

Les mains vides, por Maurice Gênevoix. O autor do *Rabiolot* ataca aqui um dos problemas mais áridos e difíceis: a psicologia do falhado na vida. A figura central do romance é um pintor, que fracassa em tudo, na arte e no amor. Naturalismo forte produzido por um talento honesto. 12 fr.

Hollywood dépassé, por Luc Durtain. O autor, que obteve, por este livro, o prémio da Renascença deste ano, conduz-nos a impressões dum europeu sensível que, em seguida a ter tentado adaptar-se à vida americana, se vê obrigado a subtrair-se a ela, com a alma cheia de desgosto. Só o triunfo material é importante nos E. U. A. A vida social é toda tecida de hipocrisia e nula a vida interior. Este romance é rico de observação e rico também de ensinamentos. 12 fr.

Loïn des Blondes, por Thomas Kancat. Trata-se dum coletânea de contos dum excelente narrador que a cada passo nos obriga a sorrir. Oito são as composições do volume, entre as quais se devem destacar, como melhor de todas de ironia e emoção, estas duas: *Une nuit de Shangai* e *Dimanche à Saint-Cloud*. 12 fr.

La publication de Madame Bovary, por René Dumesnil. O que representa *Madame Bovary* na literatura francesa, o que é que levou Flaubert a escolher tal assunto, como é o que ceceben e elaborou, como compôs a obra, como o livro foi perseguido logo desde a sua publicação na *Revue de Paris*, e, por último, a posteridade do célebre romance, — eis a maioria dos pontos tratados com minúcia e exactidão pelo douto flaubertista René Dumesnil nesta monografia. 9 fr.

L'ascension d'Elise Amour, por Louis-Léon Martin. Novela extensa e notável, quer pela forma quer pelo espírito. Duas figuras bem marcadas: um pintor, um grande artista, uma alma superior e generosa, e uma mulher muito bela mas unicamente animal, que de simples modelo do artista ascende à condição de sua esposa.

O drama da incompreensão mútua de dois séres de tendências opostas. Conclusão amarga, mas dada com verdade. 12 fr.

La Naisance du Jour, por Colette. A autora, neste livro, põe-se a si mesmo em scena, com o seu nome próprio, isto é, sem disfarce de qualquer género. Aparece aqui a Colette mulher de letras que vive, que respira, que sonha, que se ocupa dos seus animais e da sua vinha e que recebe os seus amigos, entre os quais há um que se prende de amor por ela. A obra tem o seu quê de poema em prosa, melancólico e sumptuoso, glorificando a idade da madurez de espírito, em que o amor sabe ser generoso como nunca. 12 fr.

Voyage au Pays des Articoles, por André Maurois. Pequeno romance do género alegórico. Trata-se duma ilha imaginária, perdida no Pacífico e cujos habitantes formam duas castas distintas, a dos Bóes e a dos Articoles. Estes vivendo à custa daqueles e unicamente ocupados em cultivar os seus sentimentos, Advinha-se nisto uma sátira a certos literatos que, ajardinando o seu eu, des-uram o progresso da espécie, a melhoria da sociedade. 9 fr.

Verlaine, por Marcel Dugas. Ensaio sobre o célebre poeta simbolista, muito bem escrito e muito bem pensado. 15 fr.

Lettres à ses filleuls, por Léon Bloy. Jacques Maritain disse desta nova coletânea da correspondência do grande panfletário católico: «ever-se há mais uma vez a maravilhosa ternura deste pobre, muito rico de amor para todos que dele se acceavam». 15 fr.

L'autre Europe, Moscou et sa fol, por Luc Durtain. Outro livro do autor do *Hollywood dépassé*, atrás citado. É uma nova reportagem sobre a Rússia, talvez menos documentada do que a de M.^{me} Andrée Viollis e menos ideológica do que a de Georges Duhamel, mas cheia de observação e acusando um forte poder de análise da alma dos povos. A matéria é ou não favorável ao bolchevismo? Parece-nos que sim. O testemunho do autor sobre o caso russo revela, pelo menos, simpatia pelo leninismo. 13 fr. 50.

Hölderlin (Le Combat avec le démon), por Stefan Zweig. Trad. do alemão para francês por A. Hella e D. Bonnac. O autor, que é um mestre da crítica, nesta obra dá-nos o quadro trágico duma vida dominada por potências desconhecidas. 12 fr.

Vielle Sicile, por Luigi Pirandello. Da sua Sicília natal, Pirandello extrai estas narrativas que derramam um aroma cáldio. Comoventes e pitorescas ao mesmo tempo, estes contos realistas, dum campo árido e duma população miserável, põem em scena personagens cujas feições muito ajudam a compreender toda a estranha arte do autor. A tradução bem feita, é de Benjamin Crémieux. 25 fr.

L'Argent Sacré, por Joseph Conrad. Trad. do inglês para francês de Henry-D. Davnay. *História simples* é o sub-título desta novela de Conrad, que certamente a designou assim por ironia, pois nada menos simples do que esta aventura que apresenta muitos episódios e uma figuração numerosa e muito original: anarquistas, contra-espões, agentes da segurança pública, etc. Aqui estala uma bomba, além uma esposa até ali doce e delicada, embebe uma faca de cozinha no peito do marido. Por isso a narrativa prende o leitor através das suas 300 páginas, com o espírito sempre curioso do que vai suceder. 6 fr.

As livrarias ALLAUD E BERTRAND, representantes em Portugal das SELECTIONS MENSUELLES Sequana, respondem gratuitamente a todas as consultas que lhes sejam feitas sobre a remessa regular, por assinatura, das obras escolhidas pelo Comité, que são as melhores da literatura francesa.

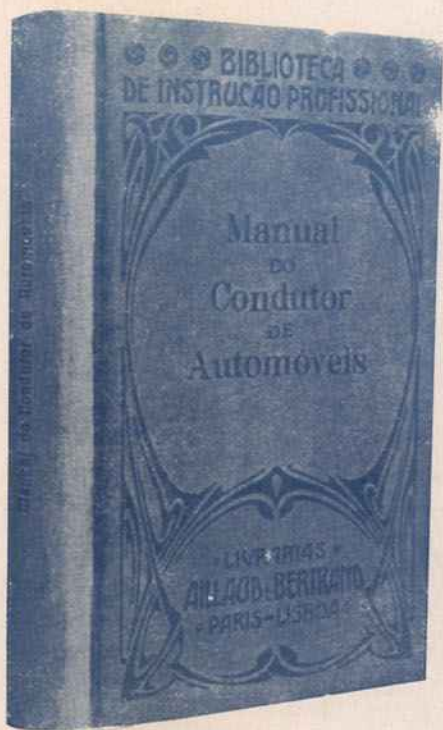
ASSINATURAS DA ILUSTRAÇÃO

	Trimestre	Semestre	Annual		Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA	47\$00	92\$00
Registados	24\$40	47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL		49\$00	96\$00	BRASIL	52\$00	102\$00
Registados		53\$80	105\$60	Registados	61\$60	121\$20
ÍNDIA, MACAU E TIMOR		53\$00	104\$00	ESTRANGIHO	63\$00	124\$00
Registados		57\$80	113\$60	Registados	72\$60	143\$00

NUMERO AVULSO 4\$00

AOS CONDUTORES DE AUTOMÓVEIS

RECOMENDA-SE



ÊSTE MANUAL

COMO IMPRESCINDIVEL
PARA A SUA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL, POIS
CONTÉM A

Discrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gazolina, arrefecimento do motor, principios de electricidade e inflamação. Orgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, câmaras de ar e iluminação. Caixa de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme.

Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (châssis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabélas, legislação, etc., por

ANTONIO AUGUSTO MENDONÇA TAVEIRA

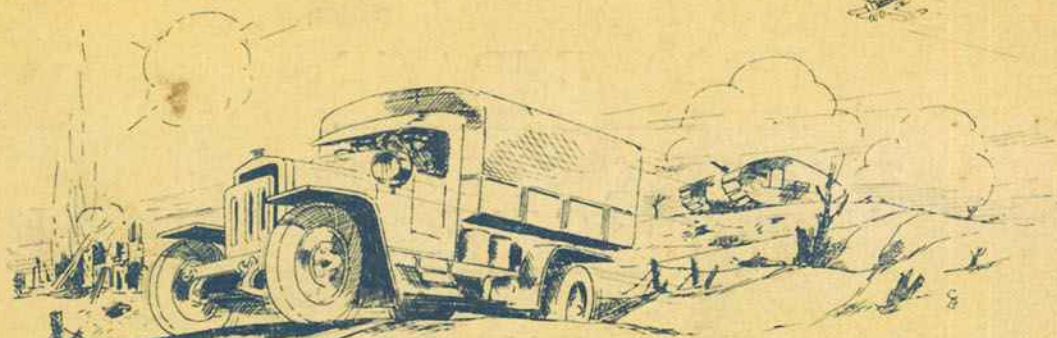
UM VOLUME DE 664 PÁGINAS ENCADERNADO EM PERCALINA

ESCUDOS 24\$00

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA



JA durante a Grande Guerra os oleos GARGOYLE MOBILLOIL foram largamente empregados pelos aliados para os motores de automoveis, camions e aviões.

Em todo o mundo, milhões de automobilistas empregam MOBILLOIL nos seus carros de turismo e de comercio o que sucede igualmente com a aviação.

Foram os oleos GARGOYLE MOBILLOIL os escolhidos:

Na primeira travessia do Sahara em autochenilles (missão Citroen).

Na primeira volta ao mundo em avião pelos aviadores norte-americanos.

No primeiro vôo ao Polo Norte pelo Comandante Byrd.

No primeiro vôo França-Madagascar pelo Comandante Dagnaux.

Na primeira travessia do Atlantico num só vôo pelo Coronel Charles Lindbergh.

Na primeira travessia do Pacifico (S. Francisco-Honolulu) por 2 pilotos da aviação militar norte-americana.

Quere dizer que os oleos GARGOYLE MOBILLOIL são sempre os escolhidos quando se exija de um motor: responsabilidade - segurança e velocidade.



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

VACUUM OIL COMPANY

